

*Néstor García Canclini e a questão do moderno na América Latina:  
entre o fracasso dos modelos e o desafio da construção do novo*

**Bruno Peron Loureiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como exigência para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Alberto Aggio, do Departamento de História. Bolsista: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq / PIBIC.

**Franca**

**2006**

**Bruno Peron Loureiro**

*Néstor García Canclini e a questão do moderno na América Latina:  
entre o fracasso dos modelos e o desafio da construção do novo*

Loureiro, Bruno Peron

Néstor García Canclini e a questão do moderno na América Latina : entre o fracasso dos modelos e o desafio da construção do novo / Bruno Peron Loureiro. – Franca : UNESP, 2006.

Trabalho de Conclusão de Curso – Relações Internacionais –  
Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1. Modernidade – América Latina. 2. Néstor García Canclini – Crítica e interpretação.

CDD – 301.298

**Franca**

**2006**

**RESUMO**

Mediante a produção ensaística de Néstor García Canclini a propósito dos quatro projetos ou movimentos básicos de construção da modernidade que ele identifica na América Latina, isto é, o emancipador, o expansionista, o renovador e o democratizador, pretende-se realizar uma leitura crítica de suas obras, sugerindo uma avaliação mais dilemática a respeito da construção da modernidade latino-americana. Embora o autor reconheça a heterogeneidade vigente entre estes países, o hibridismo caminha concomitantemente com a irrealização da modernidade na América Latina, donde se abre a perspectiva de diálogo e questionamento de seus conceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Néstor García Canclini; América Latina; modernidade.

**ABSTRACT**

By means of the intellectual production of Néstor García Canclini about his four projects or basic movements of modernity that he identifies in Latin America, that is, the emancipator, the expansionist, the renovator and the democratizer, it intends to realize a critical reading of his works, suggesting a more dilemmatic evaluation about the construction of Latin American modernity. Although the author recognizes the heterogeneity alive in these countries, hybridization moves concomitantly with the unsuccessfulness of modernity in Latin America, whence it emerges the perspective of dialogue and debate of his concepts.

**KEYWORDS:** Néstor García Canclini; Latin America; modernity

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho especialmente à minha família, principal fonte de financiamento, educação, carinho e preparo para a vida, cujo pensamento nos mantém sempre ligados a despeito da distância física que os estudos exigem longe da cidade de origem. E também àqueles muitos que sempre mereceram atenção, embora o vínculo social possa amiúde inibir relacionamentos, pois cada um possui virtudes muito importantes para o compartilhamento de experiências com os demais.

De maneira complementar, este trabalho converge com a visão daqueles que entendem o mundo no sentido de um todo complexo que, em nenhuma hipótese, poderia ser compreendido infalivelmente por meio de âmbitos isolados de pesquisa, como a política ou a economia. Néstor García Canclini deixa sua contribuição e traz uma abordagem interdisciplinar para quem quer compreender a questão da modernidade nas relações internacionais da América Latina.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Alberto Aggio, à Profa. Dra. Elizabete Sanches pela contribuição e paciência que teve comigo nos caminhos acadêmicos, aos grupos de pesquisa dos quais participei e que impulsionaram positiva e enormemente a minha formação (em especial ao do Prof. Dr. Evaldo Doin), ao apoio que tive de alguns amigos e colegas, e daqueles que efetivamente apóiam os trabalhos acadêmicos e vêem neles seu valor.

Não posso deixar de emitir uma nota àqueles que se engajam na pesquisa para que saibam que há um enorme mundo a ser descoberto através das investigações, dos esforços e da curiosidade presente em cada um de nós. Por meio deste, haverá um reconhecimento do papel imprescindível que a cultura exerce em várias esferas da vida cotidiana, além da indispensabilidade de compreendê-la para obter uma visão mais aprofundada das relações internacionais.

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

*De que trata o desafio?* ..... p. 07

### CAPÍTULO 1

*A trajetória acadêmica de Néstor García Canclini* ..... p. 09

### CAPÍTULO 2

*Os quatro projetos ou movimentos básicos da modernidade* ..... p. 13

### CAPÍTULO 3

*Dimensões híbridas do acesso ao moderno* ..... p. 20

### CAPÍTULO 4

*Sentidos locais e globais da modernidade* ..... p. 29

### CAPÍTULO 5

*A cultura política: da cidadania ao consumismo* ..... p. 39

### CAPÍTULO 6

*Desajustes na integração latino-americana* ..... p. 49

### CAPÍTULO 7

*Reformulação das políticas culturais na América Latina* ..... p. 53

### CAPÍTULO 8

*O que significa ser latino-americano* ..... p. 58

### CONCLUSÃO

*Indícios na resolução do dilema* ..... p. 66

BIBLIOGRAFIA ..... p. 68

## **APRESENTAÇÃO: DE QUE TRATA O DESAFIO?**

A América Latina é tratada numa totalidade<sup>1</sup>, ainda que com certa diligência, o que se torna pertinente para uma pesquisa da área de relações internacionais e legitimaria um estudo abrangente. Isto sustenta o recorte que se apresenta na investigação minuciosa da produção ensaística de Néstor García Canclini. Contudo, não se trata de assumir as concepções deste autor como verdades únicas e universais, visto que há outros acadêmicos que dialogam com suas idéias, mas de um exercício de reflexão e questionamento.

Nos capítulos que se seguem, enumeram-se os argumentos sobre a dilemática irrealização dos quatro projetos ou movimentos básicos da modernidade (emancipador, expansionista, renovador e democratizador) esboçados por tal intelectual argentino e propostas para se construir o novo na América Latina, apesar da dificuldade na implantação do moderno. Trata-se de condensar as principais concepções teóricas do autor em questão sobre o tema, interpretá-las e refletir sobre elas.

Primeiramente, apresenta-se o autor e sua metodologia própria nos estudos que conduz; logo em seguida, expõe-se o cerne da problemática representada pelos quatro projetos ou movimentos básicos da modernidade e um questionamento a propósito de sua dilemática irrealização na América Latina. Os capítulos seguintes trazem um aprofundamento desta temática no que concerne às suas dimensões híbridas, sentidos locais e globais, cultura política, processo de integração, políticas culturais e, finalmente, o significado de ser latino-americano. São movimentos distintos, porém vinculados e articulados.

Confecciona-se um diagnóstico da América Latina de forma crítica e, de certo modo, lastimável e preocupante. A superação do subdesenvolvimento era tida como foco das estratégias políticas de transformação do continente e pressuposto para a modernização dos países latino-americanos. Nessa situação, a dificuldade consistia na dúvida sobre qual caminho estes deveriam trilhar para alcançar o desenvolvimento: extirpar o subdesenvolvimento antes de aplicar os modelos ou aventurar-se por eles numa situação ousada e de risco.

---

<sup>1</sup> Néstor García Canclini expõe a seguinte afirmação a respeito do seu tratamento peculiar da América Latina como uma totalidade: “ainda que tenha tentado esboçar um movimento geral, a crise da noção de totalidade e a

Com efeito, intenciona-se lançar estimativas sobre o fracasso dos modelos de modernidade implantados na América Latina □ alguns dizem que foram introjetados, transplantados e enxertados □ e contrastar com o que seria melhor para o seu processo de desenvolvimento em contraposição aos projetos que já foram aplicados. Em outras palavras, a dúvida é se, para construir o novo, este subcontinente deve imitar ou, ao contrário, buscar elementos tradicionais e nativos na confecção de seu próprio destino; e como fazê-lo.

## **1) A TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE NÉSTOR GARCÍA CANCLINI**



Néstor García Canclini nasceu na Argentina em 1939 e radicou-se no México a partir de 1976. Desde 1990, mantém vínculos acadêmicos com a Universidade Autônoma Metropolitana do México. Chegou a este país como filósofo, passou a dedicar-se aos estudos culturais e antropológicos e a compreender como é o México, ou alguns de seus aspectos, ao mesmo tempo que conduziu uma visão distinta e a experiência de um argentino que faz ciências sociais e reconhece-se cada vez mais como mexicano e pertencente a outra nação sem que isso lhe cause estranhamento.

Apela-se à valorização da nossa própria história nacional, além da história latino-americana, como fonte explicativa de traços atuais, a partir da experiência de García Canclini no México, que preserva monumentos e tradições, museus de altos investimentos e antigas festas camponesas que se reproduzem também nas cidades, como outros poucos países latino-americanos fazem. Quanto à Argentina, García Canclini afirma que seu país de origem teve políticas de perseguição e carecia de leis que reconhecessem e protegessem o patrimônio.

No esforço de ceder mais informação sobre o autor, este já lecionou nas universidades de Austin, Barcelona, Buenos Aires, São Paulo e Stanford. A ele, foi concedida a bolsa de estudos da Fundação Guggenheim para uma investigação comparativa sobre o consumo cultural em distintas classes sociais, o prêmio de ensaio Casa das Américas, em 1981, por seu livro “As culturas populares no capitalismo”, o prêmio *Book Award* da *Latin American Studies Association* por “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade”, eleito o melhor livro sobre a América Latina publicado no período de 1990-1992.

García Canclini, em alguns momentos, define-se como antropólogo<sup>2</sup> e caracteriza este como o especialista na heterogeneidade e na alteridade, cujos trabalhos se posicionam nestas interseções. García Canclini descobriu que a antropologia podia dizer mais sobre as sociedades modernas do que as outras disciplinas seriam capazes de captar. O autor enfatiza, entre outras questões, as implicações da modernidade nas culturas populares tradicionais, nos imaginários e no agravamento da exclusão social.

---

<sup>2</sup> GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 197. “na medida em que nós, antropólogos, procuramos produzir conhecimento ou, se quisermos dizê-lo assim [...]” (grifo nosso)

A propósito da antropologia e da sociologia, é fecunda a contribuição destes dois campos que amiúde se costumam contradizer. A primeira possibilita reconhecer as formas locais de simbolizar os conflitos, usar os vínculos culturais para construir pactos sociais ou mobilizar cada nação em um projeto próprio, enquanto a visão sociológica acompanha as reformulações da tradição pelo mercado internacional e o impacto dos processos modernizadores nos dados macrossociais.

García Canclini desenvolveu suas formulações sobre as culturas populares num momento em que a sociologia se concentrava no debate sobre modelos socioeconômicos, visto que poucas pesquisas se interessaram pelas culturas subalternas. Este gênero de estudos só cresceu quando todos os programas de modernização e de mudança social (os desenvolvimentismos, os marxismos, os populismos) entraram em crise. O autor defende que a antropologia seja complementada com a sociologia, os estudos de comunicação e a psicanálise.

García Canclini renova, com originalidade, os estudos da cultura<sup>3</sup> no hemisfério e fora dele, rompendo com o velho hábito sociológico de analisar tudo sob o ângulo do poder e da dominação. Não insiste em considerações políticas já conhecidas, mas discute os latino-americanos como “produtores, migrantes e devedores” através da compreensão dos processos culturais de seu tempo e da reconsideração dos modos de fazer arte, cultura e comunicação nesta fase humana.

Os estudos culturais não são apenas uma análise hermenêutica, mas se tornam um trabalho científico que combina a significação, os fatos, os discursos e suas origens; em outras palavras, é a construção de uma racionalidade que entenda as razões de cada um e a estrutura das interações, dos conflitos e dos entendimentos. Não deseja ver o mundo a partir de um lugar só da contradição (por exemplo, os grupos minoritários e silenciados), mas entender os pontos de conflito, sua estrutura atual e a possível dinâmica.

---

<sup>3</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Para un diccionario herético de estudios culturales, *Fractal*, ano 4, v. 5, n. 18, pp. 11-27, jul./ set. 2000. Neste, o autor apela para a necessidade de algumas definições operativas, mesmo que sejam provisórias e inseguras, para pesquisar e fazer políticas culturais. Expõe, da mesma maneira, que um dos poucos consensos que existem hoje nos estudos culturais é que não há consenso, ou seja, não se tem um paradigma internacional e interdisciplinarmente aceito, com um conceito central e uma mínima constelação de conceitos associados, cujas articulações possam contrastar-se com referentes empíricos em muitas sociedades. Há diversas maneiras de conceber os vínculos entre cultura e sociedade, realidade e representação, ações e símbolos.

A propósito da ensaística do autor como método, asseverou: “Para tratar dessas questões é inadequada a forma do livro que se desenvolve de um princípio a um final. Prefiro a maleabilidade do ensaio, que permite mover-se em vários níveis.” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 28) Evitou, porém, a simples acumulação de ensaios separados que reproduziria a compartimentação e o paralelismo entre disciplinas, que são utilizadas pelo autor na sua variedade a fim de retrabalhar a conceituação da modernidade com abordagens multifocais e complementares.

Os estudos e pesquisas do autor sustentaram-se pelo trabalho com vários especialistas de diversas áreas e em vários países. Portanto, realiza um diálogo interdisciplinar, embora García Canclini prefira utilizar o termo transdisciplinar, ou seja, suas formulações perpassam várias áreas, como antropologia, sociologia, história, comunicação, arte, literatura, filosofia, política e economia; assim, não se pode dizer que ele se insere numa vertente ou linha de pensamento exclusiva e, conseqüentemente, deriva daí a idéia de correlacioná-las a uma perquirição do âmbito das relações internacionais.

Em suas obras, o autor aparenta repetir ou retomar idéias já esboçadas noutros títulos de mesma autoria, o que demonstra que García Canclini tem uma linha de argumentação e raciocínio recorrente no tratamento da problemática do moderno. Muitos dos argumentos que, inclusive, já foram utilizados nos livros são reaproveitados em seus artigos científicos e vice-versa.

O projeto acadêmico de García Canclini reside essencialmente dentro da lógica do sistema dominante, em vez de criar um espaço de oposição ou estimular as contradições desse sistema numa postura alternativa. Embora a visão do autor sobre as sociedades latino-americanas lance bases para mudanças, há críticas de que seus conceitos, como o de hibridação, são compatíveis e condizentes com a globalização e a hegemonia neoliberal.<sup>4</sup>

García Canclini possui uma trajetória que, em certa medida, acompanha os principais acontecimentos da época em que realiza os estudos: primeiramente se ocupa dos temas clássicos de cultura (artes, literatura, culturas populares); posteriormente, expande o âmbito de pesquisa para tratar da modernidade como investidas do capitalismo e indústrias culturais; até que, por fim, torna-se

---

<sup>4</sup> KOKOTOVIC, Misha. Hibridez y desigualdad: García Canclini ante el neoliberalismo. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, Año XXVI, nº 52, pp. 289-300, segundo semestre de 2000.

especialista em globalização, integração e políticas culturais para o desenvolvimento. Todavia, o autor sempre raciocina da perspectiva dos latino-americanos.

## 2) OS QUATRO PROJETOS OU MOVIMENTOS BÁSICOS DA MODERNIDADE

Néstor García Canclini adota, com certa flexibilidade, a distinção (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 23) feita por vários autores, desde Jürgen Habermas<sup>5</sup> até Marshall Berman<sup>6</sup>, entre a *modernidade* como etapa histórica, a *modernização* como um processo socioeconômico que constrói a modernidade, e os *modernismos* ou os projetos culturais que renovam as práticas simbólicas com um sentido experimental ou crítico. Ademais, García Canclini não considera que a pós-modernidade substitua a época moderna, mas como uma forma de problematizar as contradições da modernidade.

Contudo, limitar-nos-emos às interpretações atuais acerca da modernidade sintetizadas por Néstor García Canclini, que atribui a ela o caráter de quatro movimentos básicos<sup>7</sup>, também entendidos como projetos: emancipador, expansionista, renovador e democratizador; mais especificamente, à dilemática contida na irrealização destes projetos da modernidade na América Latina, cujo debate ainda não está consumado.

O projeto emancipador remete à secularização dos campos culturais, à produção auto-expressiva e auto-regulada das práticas simbólicas, e seu desenvolvimento em mercados autônomos. A

---

<sup>5</sup> Para Habermas, a modernidade foi promovida a tema filosófico desde os fins do século XVIII e sua conceituação é viabilizada a partir das concepções de vários outros autores sobre o moderno, entre eles Weber, Gehlen, Hegel, Nietzsche, Koselleck, Baudelaire, Benjamin, Foucault, Bataille. O adjetivo *moderno* só foi substantivado muito tarde nas línguas européias da idade moderna, mais ou menos a partir de meados do século XIX. Habermas afirma que Hegel foi o primeiro filósofo a desenvolver um conceito preciso de modernidade em conceitos históricos como definição epocal dos “novos tempos” ou “tempos modernos”. É nesse contexto que surgem algumas expressões, que se perpetuaram até os dias atuais: emancipação, revolução, progresso, desenvolvimento, crise, espírito da época. Quando Habermas conceitua a modernização, trata-a como um conjunto de processos cumulativos que se reforçam reciprocamente e exemplifica-a pela formação de capital e mobilização de recursos, aumento da produtividade do trabalho, centralização de poderes políticos, formação de identidades nacionais, expansão de direitos de participação política e de formas urbanas de vida, secularização de valores e normas, etc. HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de Ana Bernardo, José Pereira, Manuel Loureiro, Maria Soares, Maria de Carvalho, Maria de Almeida e Sara Seruya. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

<sup>6</sup> Para fazer a distinção, a “modernidade” é o conjunto de experiências vitais do tempo e do espaço, de si e dos outros, das possibilidades e riscos da vida, que homens e mulheres compartilham atualmente no mundo todo. A modernidade tem criado e consolidado, ao longo dos séculos, suas próprias tradições e uma influente história. Por sua vez, “modernização” é o nome que se atribuiu aos processos sociais que promoveram esse turbilhão no século XX e constroem a modernidade, enquanto “modernismo” abarca a idéia de projetos culturais que se relacionam com diversos momentos de desenvolvimento do capitalismo. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15-16.

<sup>7</sup> Os quatro movimentos básicos, traços ou projetos da modernidade apresentam-se explicitamente em algumas obras do autor, como em *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, no cap. 1: Das utopias ao mercado, p. 31-32; e também em GARCÍA CANCLINI, Néstor. *La modernidad después de la posmodernidad*. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: UNESP/ Memorial da América Latina, 1995, p. 204-205, onde García Canclini questiona sobre o que significa ser moderno.

racionalização da vida social e o individualismo crescente, mormente nas grandes cidades, traduzem a idéia do movimento emancipador.

O projeto expansionista trata da tendência da modernidade de estender o conhecimento, o controle e a posse da natureza, a produção, a circulação e o consumo dos bens. Ademais, no capitalismo, costuma motivar-se pelo aumento do lucro, embora se apresente também nas descobertas científicas, desenvolvimento industrial, crescimento demográfico, excedendo o impulso mercantil.

O projeto renovador defende, por uma parte, um aprimoramento e inovação incessantes próprios de uma relação com a natureza e a sociedade liberada de toda prescrição sagrada sobre como deve ser o mundo; e, por outra, a necessidade de reformular os signos de distinção que o consumo massificado desgasta. São dois aspectos que freqüentemente se complementam.

O projeto democratizador é o movimento da modernidade que acredita na educação, na difusão da arte e dos saberes especializados para conquistar uma evolução racional e moral. Este busca abarcar a todos, como através dos programas educativos e da popularização da ciência e da cultura empreendidos por governos liberais, socialistas e associações alternativas e independentes.

Contudo, após a elucidação de cada um dos projetos da modernidade tratados por García Canclini, devemos anotar o diagnóstico elaborado pelo próprio autor, que permite entrever o fracasso dos modelos e introduzir uma dilematicidade do moderno para o desenvolvimento da América Latina:

Estos cuatro proyectos, al desarrollarse, a menudo se han vuelto contradictorios. [...] Pero es en América Latina, más que en Europa, donde la modernidad pareciera una empresa fallida. Los movimientos culturales que quieren combinar su vocación emancipadora y renovadora con la democratización de sus nuevas experiencias, al tener que realizarse en lucha contra resabios oligarquicos y autoritarios, en medio de una expansión mercantil inestable o caótica, se diluyen a menudo en un manejo disperso de promesas fugazmente cumplidas.<sup>8</sup>

É inegável que a América Latina tenha-se modernizado no ingresso à década de noventa. O problema é que a modernização ocorreu de uma forma distinta à que esperávamos décadas anteriores, pois a iniciativa privada assumiu o leme do processo, em vez do Estado, na segunda metade do século

---

<sup>8</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. La modernidad después de la posmodernidad. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: UNESP/ Memorial da América Latina, 1995, p. 205.

XX. Portanto, a socialização ou democratização da cultura foi antes obtida com as indústrias culturais do que com a boa vontade cultural ou política dos produtores.

A América Latina vive uma época das tradições que não se foram, da modernidade que não acaba de chegar e do questionamento dos projetos evolucionistas que tomaram conta do século. Ainda, as culturas atuais têm sua autonomia mais condicionada do que nas sociedades tradicionais, que eram mais renovadoras e democráticas. Questiona-se se o acesso à maior variedade de bens, que foi facilitado pelos movimentos globalizadores, democratiza a capacidade de combiná-los e de desenvolver uma multiculturalidade criativa.

A respeito da dilematicidade do moderno na América Latina, García Canclini (2006a, p. 51) questiona se, segundo Jürgen Habermas, é possível continuar afirmando que, embora a modernidade seja um projeto inconcluso, é realizável, ou se, noutro sentido, deve-se admitir que, através da desilusão de teóricos e artistas, a experimentação autônoma e a inserção democratizadora são tarefas inconciliáveis nas relações sociais.

Outrossim, García Canclini questiona por que nos preocupamos com a pós-modernidade se os próprios avanços modernos não chegaram totalmente nem a todos. O progressismo evolucionista e o racionalismo democrático não têm sido causas populares entre nós; não tivemos uma industrialização consistente, nem uma tecnificação ampliada da produção agrária, nem um ordenamento sociopolítico baseado na racionalidade formal e material.

Não é que nossos países tenham cumprido mal e tarde um modelo de modernização que havia obtido sucesso na Europa, nem que busquem algum paradigma alternativo, que seja absolutamente independente e disponha de tradições já transformadas pela expansão mundial do capitalismo. Em vez de ser desnacionalizador, o modernismo cultural impulsionou o repertório de símbolos para a construção da identidade nacional em muitos casos.

O mundo moderno<sup>9</sup> deve ser organizado sem abdicar da história. É um desafio construir sociedades unificadas e coerentes em que a continuidade e as rupturas resultem de um consenso e não

---

<sup>9</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Para un diccionario herético de estudios culturales, *Fractal*, ano 4, v. 5, n. 18, pp. 11-27, jul./ set. 2000. Neste, o autor, ao definir “campos modernos”, assevera que, se o pensamento único dos economistas neoliberais se impôs por todo o planeta, não é tanto por seus êxitos parciais (conter a hiperinflação, aumentar a competitividade de algumas empresas), quanto por terem conseguido reduzir a

de imposição, tamanha a dificuldade de conciliar os movimentos que constituem a modernidade: a reorganização secular da sociedade, a renovação das vanguardas, a expansão econômica e cultural, e a democratização das relações sociais. Dentro destas saídas, García Canclini sugere que se radicalize sem ser “fundamentalista”.

É possível pensar em outros modos de inovação diferentes da evolução incessante rumo ao desconhecido assim que se pensa que o impulso inovador e expansivo da modernidade está atingindo seu limite máximo. No tocante a algumas contradições latino-americanas, tivemos um “modernismo exuberante com uma modernização deficiente” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 67). Quais setores se responsabilizaram pela modernização na América Latina, que tomou forma somente a partir dos processos de independência das nações européias mais atrasadas?

No final do século XIX e início do XX, impulsionadas pela oligarquia progressista, pela alfabetização e pelos intelectuais europeizados; entre os anos 20 e 30 deste século, pela expansão do capitalismo e ascensão democratizadora dos setores médios e liberais, pela contribuição de migrantes e pela difusão em massa da escola, pela imprensa e pelo rádio; desde os anos 40, pela industrialização, pelo crescimento urbano, pelo maior acesso à educação média e superior, pelas novas indústrias culturais. (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 67)

A modernização ocorre com a expansão restrita do mercado e a democratização abarca uma pequena minoria; as idéias são renovadas, porém com baixa eficácia nos processos sociais. As classes dominantes preservam sua hegemonia, e nem sempre se preocupam em justificá-la, através dos desajustes entre modernismo e modernização. García Canclini questiona também se é possível impulsionar a modernidade cultural quando a modernização socioeconômica é tão desigual.

É difícil construir espaços em que o saber e a criação possam desenvolver-se com autonomia, visto que a modernização econômica, política e tecnológica configura uma interação social envolvente de forma a subordinar as forças renovadoras e experimentais da produção simbólica. Se liberados da tutela religiosa, o crescimento da ciência e da arte auxiliária a controlar as forças naturais, ampliar a compreensão do mundo, progredir moralmente e tornar mais justas as instituições e as relações sociais.

---

importância de seus fracassos (aumento do desemprego, da distância entre ricos e pobres, da violência e insegurança urbanas). Assim, desviam atenção para um aspecto da economia e da sociedade que estão bem, enquanto o restante está em crise e degeneração.



A apropriação dos bens simbólicos e o acesso à inovação cultural ocorrem de maneira desigual. Alguns historiadores da arte concluíram que os movimentos inovadores são desconectados de nossa realidade e, por isso, considerados “transplantes” e “enxertos” (GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 208). Além disso, tornou-se cada vez mais difícil encontrar um acontecimento não transformado em notícia, ou um prazer sem publicidade prévia.

As classes dominantes aproveitam os desajustes entre modernismo e modernização para preservar sua hegemonia e, às vezes, sem ter que se preocupar com sua justificativa. Ademais, houve falta de sintonia entre modernismo cultural e modernização social nos países com um precário desenvolvimento da democracia liberal, com insuficiente investimento estatal na produção cultural e científica, e com a apropriação desigual do patrimônio aparentemente comum.

Para discutir a eficácia do projeto inovador e democratizador, García Canclini toma o México como a “experiência mais *precoce* de revolução moderna em uma sociedade que não quis renunciar a suas tradições pré-colombianas e coloniais” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 154). Uma minoria compartilhou a cultura moderna e as culturas étnicas ou locais não se fundiram plenamente num sistema simbólico nacional. Não houve triunfo nem do projeto modernizador nem do unificador.

Os Estados e as empresas privadas enfatizam o número de pessoas que acessam o museu e a mídia em vez de fazer um estudo qualitativo. A democratização da cultura é pensada como se se tratasse de anular a distância e a diferença entre artistas e público. No entanto, uma sociedade democrática fundamenta-se na criação de condições para que todos tenham acesso aos bens culturais, não só materialmente, mas providos de boa educação e formação, que permitam compreender o significado concebido pelos produtores artísticos.

Os projetos modernos apropriam-se dos bens históricos e das tradições populares porque pretendem abarcar todos os setores. Os modernizadores devem persuadir seus destinatários de que prolongam tradições compartilhadas ao mesmo tempo que renovam a sociedade, visto que há interesse em expandir o mercado e legitimar sua hegemonia. Entretanto, os estudos e debates sobre a modernidade latino-americana abstraem o uso social do patrimônio histórico como se este fosse competência exclusiva dos restauradores, arqueólogos e outros especialistas no passado.

Os tradicionalistas preservaram o patrimônio e democratizaram o acesso e o uso dos bens culturais, em contraposição à indiferença de outros setores ou à agressão dos modernizadores. Embora o patrimônio sirva para unificar cada nação, as desigualdades em sua formação e apropriação permitem estudá-lo também enquanto arena de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos. No sentido de manter coesa a população, o discurso político associa preferencialmente a unidade da nação com o patrimônio tradicional.

Embora o liberalismo e seu regime de representatividade parlamentar tenham alcançado as constituições latino-americanas, falta uma coesão social e uma cultura política modernas e suficientemente consolidadas para que nossas sociedades sejam governáveis. Os caudilhos continuam tomando as decisões políticas com base em alianças informais e relações silvestres de força, as elites desenvolvem a poesia e a arte de vanguarda enquanto as maiorias são analfabetas, modernizou-se a vida universitária ao mesmo tempo que a religiosidade e a manipulação comunicacional conduzem o pensamento das massas.

A modernidade pode ser vista como uma máscara ou um simulacro tramado pelas elites e pelos aparelhos estatais, principalmente na arte e na cultura. A política igualitária conduzida pelos populismos, que fingiam incorporar os setores excluídos, como as enormes populações indígenas e campesinas, fracassou em poucos anos ou se transformou em clientelismos demagógicos. Os setores populares assumiram novas interações com a modernidade através do populismo, desde Vargas e Perón até os mais recentes, que permitiu a articulação com o Estado e outros agentes hegemônicos.

Falar às massas, como o fizera Getúlio Vargas no Brasil, então conhecido como “pai dos pobres”, não seria suficiente para redirecionar o país no caminho da democratização efetiva. Ademais, a participação em campanhas eleitorais exige um elevado investimento e os cartazes e propagandas são encomendados a agências de publicidade, o que substituiu a militância e a participação social direta por ações mercadológicas.

Não há dúvidas de que os quatro projetos ou movimentos básicos da modernidade articularam-se na América Latina, porém de maneira contraditória e desigual. Assim, ao mesmo tempo que García

Canclini faz um breve balanço explícito do emancipador<sup>10</sup>, expansionista<sup>11</sup>, renovador<sup>12</sup> e democratizador<sup>13</sup>, é de se questionar o alcance e a efetividade destas propostas no processo de desenvolvimento destes países, visto que seus principais atores ininterruptamente concebem e praticam a construção do novo na América Latina.

---

<sup>10</sup> “Houve *emancipação* na medida em que nossas sociedades atingiram uma secularização dos campos culturais, menos ampla e integrada que nas metrópoles, mas notoriamente maior que em outros continentes subdesenvolvidos. Houve uma liberalização precoce das estruturas políticas, desde o século XIX, e uma racionalização da vida social, mesmo que coexistindo até hoje com comportamentos e crenças tradicionais, não modernos.” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 352)

<sup>11</sup> “Em que medida é possível atribuir a essas contradições que a *expansão*, particularmente a econômica, seja o aspecto mais estagnado de nosso desenvolvimento? Ao término da década de 80, quando a taxa de crescimento mundial era de 4%, a América Latina apresentava os efeitos recessivos da estagnação de toda a década; os países mais dinâmicos de outrora – Argentina, Brasil, México – mostravam índices negativos de crescimento, e em casos como o do Peru com uma queda de aproximadamente 10% na produção real. A conseqüente diminuição das exportações e importações acarreta uma participação decrescente nas inovações tecnológicas e nas novas estratégias internacionais de acumulação de capital. Portanto, também é deficiente a possibilidade de modernização cultural nos países dependentes, devido à pouca capacidade de renovar-se incorporando as novas tecnologias, inserindo-se em novas regras de articulação e gestão dos bens simbólicos.” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 352-353)

<sup>12</sup> “A *renovação* é comprovada no crescimento acelerado da educação média e superior, na experimentação artística e artesanal, no dinamismo com que os campos culturais se adaptam às inovações tecnológicas e sociais. Também neste ponto se percebe uma distribuição desigual dos benefícios, uma apropriação assíncrona das novidades na produção e no consumo por parte de diversos países, regiões, classes e etnias.” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 352)

<sup>13</sup> “A *democratização* foi conquistada com sobressaltos, com interrupções excessivas e com um sentido diferente do imaginado pelo liberalismo clássico. Foi produzida em parte, como essa tendência previu, pela expansão educativa, pela difusão da arte e da ciência, pela participação em partidos políticos e sindicatos. Mas a democratização da cultura cotidiana e da cultura política ocorrida na segunda metade do século XX foi propiciada, sobretudo, pelos meios eletrônicos de comunicação e por organizações não-tradicionais – juvenis, urbanas, ecológicas, feministas – que intervêm nas contradições geradas pela modernização, em que os antigos agentes são menos eficazes ou carecem de credibilidade.” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 352)

### 3) DIMENSÕES HÍBRIDAS DO ACESSO AO MODERNO

Néstor García Canclini demonstra como os estudos sobre hibridação modificaram a forma de falar sobre cultura, identidade, diferença, desigualdade, multiculturalismo e dicotomias das ciências sociais: tradição e modernidade, local e global, norte e sul. García Canclini não concebe oposições simples e identidades puras nas suas tentativas de ordenar e interpretar as hibridações na América Latina, visto que defende a necessidade de registrar aquilo que, nos entrecruzamentos, permanece diferente.

O conceito de hibridação não é recente, porém foi mais utilizado na análise dos diversos processos culturais na última década do século XX. A hibridação interessa tanto aos setores hegemônicos quanto aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade. A ênfase nos processos de hibridação derruba a pretensão de estabelecer identidades puras e autênticas, além de que as políticas de hibridação servem para trabalhar democraticamente com as diferenças.<sup>14</sup>

Há também algumas objeções de cunho epistemológico e político dirigidas ao conceito de hibridação, visto que a transferência do termo “híbrido” da biologia às ciências sociais fez com que perdesse sua univocidade. A hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições, mas pode contribuir na compreensão de formas particulares de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização na América Latina.

O autor apresenta três hipóteses, em sua obra específica sobre a hibridação<sup>15</sup>, para debater a questão da modernidade. A primeira é a incerteza em relação ao sentido e valor da modernidade derivada também dos cruzamentos socioculturais de mistura entre o tradicional e o moderno; a segunda é o trabalho conjunto de várias disciplinas que pode gerar outro modo de conceber a modernização latino-americana; e a terceira refere-se à extrapolação da investigação cultural pelo olhar transdisciplinar sobre os circuitos híbridos, que esclarecem processos políticos.

---

<sup>14</sup> Cf. GARCÍA CANCLINI, Néstor. Noticias recientes sobre la hibridación. **Revista Transcultural de Música**. Iztapalapa, Universidad Autónoma Metropolitana, México D.F., texto apresentado no VI Congresso da SibE celebrado em Faro, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.sibetrans.com/trans/trans7/canclini.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

<sup>15</sup> Cf. GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

A América Latina está perdendo seus projetos nacionais, e os países estão perdendo controle sobre as economias. Acentuaram-se as tendências de abdicação do público em favor do privado, do nacional em favor do transnacional. Transferiu-se a iniciativa e o controle econômico e cultural a empresas transnacionais, cresceram os mercados informais e a precarização do trabalho, o que gera uma destruição violenta dos laços sociais.

As ações políticas e econômicas devem ser refeitas para que seja possível democratizar os bens, a capacidade de hibridá-los e os repertórios multiculturais. Para isso, o espaço público transnacional deve ser ordenado e fortalecido através de regras, como nos acordos de livre comércio. No questionamento de quais são, nos anos noventa, as estratégias para entrar e sair da modernidade, García Canclini responde que:

[...] na América Latina, onde as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar, não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo, como apregoam políticos, economistas e a publicidade de novas tecnologias. (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 17)

A economia, a política e a cultura contêm diferentes concepções da modernidade. O autor assume que dilemas políticos estão ao lado da questão teórica e apela também para a possibilidade de elaborar uma interpretação mais plausível das contradições e dos fracassos da modernização como ela se processou na América Latina. Neste ponto, qual atitude tomar diante da insegurança que essa mescla de memória heterogênea e inovações truncadas propiciam, assim que os projetos de modernização se tornaram polêmicos ou suspeitos?

Questiona-se se as divergências entre os Estados latino-americanos, suas respectivas sociedades e suas culturas políticas podem ser superadas. As propostas de industrialização, a substituição de importações e o fortalecimento de Estados nacionais autônomos tornaram-se idéias antiquadas, menosprezadas e culpadas pelo atraso das sociedades latino-americanas em seu acesso à modernidade.

A compreensão da modernidade transfigurou-se na sociedade e na cultura, pois abandonou-se o evolucionismo que contava com a solução dos problemas sociais pela simples secularização das práticas. Atualmente, a América Latina é concebida como uma articulação mais complexa de tradições

e modernidades, que são diversas e desiguais, e um continente heterogêneo composto por países onde coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento em cada um. É com este olhar que García Canclini trata da totalidade latino-americana.

O consumo tornou-se um âmbito fundamental para instaurar e comunicar as diferenças em sociedades modernas e democráticas, onde inexistem superioridade de sangue e títulos de nobreza. Tanto o hegemônico e o subalterno, quanto o incluído e o excluído representam relações complexas cuja modernidade envolve processos de segregação e de hibridação entre os diversos setores sociais e seus sistemas simbólicos.

No processo de desenvolvimento dos países latino-americanos, as empresas transnacionais, a mídia e as novas tecnologias recreativas interessam-se pelas tradições apenas como referência para reforçar o contato simultâneo entre vendedores e consumidores, ou entre emissores e receptores. Não lhes importa o aperfeiçoamento histórico ou a efetivação dos quatro movimentos básicos da modernidade apontados por García Canclini, mas a possibilidade de participação plena e fugaz no que está acontecendo.

García Canclini entende como tarefa-chave dos estudos culturais a exigência de se compreender como as indústrias culturais e a massificação urbana se articulam para preservar culturas locais e fomentar uma maior abertura e transnacionalização dessas culturas. Sobre a hibridação e a interculturalidade:

O problema reside no fato de que a maioria das situações de interculturalidade se configura, hoje, não só através das *diferenças* entre culturas desenvolvidas separadamente, mas também pelas maneiras *desiguais* com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os. Quando a circulação cada vez mais livre e freqüente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser, então, apenas a diferença, mas também a hibridização. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 166)

Por que a América Latina realiza mal e tarde os modelos metropolitanos de modernização? Nossa modernidade é distinta daquela que se processou nos países centrais. A “heterogeneidade multitemporal” (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 74) da cultura moderna demonstra historicamente que a modernização operou poucas vezes mediante a substituição do tradicional e do antigo, visto que

as transformações das culturas populares e da arte culta mostram a realização heterogênea do projeto modernizador na América Latina.

Nos países latino-americanos e caribenhos, as mesclas étnicas e culturais foram vistas como promotoras da modernização e da criatividade cultural, enquanto a mestiçagem e a hibridação eram tidas por escândalo nos Estados Unidos. As culturas latino-americanas devem historicamente mais às influências européias que às norte-americanas e às nativas, embora tenha-se diversificado mais no decorrer do século XX agregando novos caracteres às tradições nacionais.

Conhecem-se as intenções das políticas modernizadoras, porém pouco se sabe de sua recepção ou consumo cultural, cujo estudo é necessário para avaliar a eficácia das tentativas democratizadoras. Há um chavão modernizador que diz que a cultura deve ser para todos. Porém, é difícil conceber isto a partir dos desencontros entre modernização social e modernismo cultural, entre política de elite e consumo massivo, entre inovações experimentais e democratização cultural.

Quando García Canclini se refere ao popular como o excluído, é importante ressaltar os processos constitutivos da modernidade vistos como cadeias de oposições confrontadas de um modo maniqueísta: de um lado, o moderno iguala o culto e o hegemônico, enquanto, de outro, o tradicional iguala o popular e o subalterno. (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 206) Dessa oposição, os modernizadores deduzem que o interesse pelos avanços e pelas promessas da história justifica sua posição hegemônica em detrimento do atraso das classes populares, que as condena à subalternidade.

Requer-se o conhecimento da cultura popular para formar nações modernas integradas, libertar os oprimidos e resolver o problema de luta de classes. Como forma de impugnar a visão clássica dos folcloristas, García Canclini assevera que o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais porque estas evoluem através de adaptações. As tradições reinstalam-se num sistema interurbano e internacional de circulação cultural. Desse modo, resta saber como interagem com as forças da modernidade.

García Canclini<sup>16</sup> tenta definir a cultura popular, mas encontra dúvidas a respeito: é a criação espontânea do povo, a sua memória convertida em mercadoria ou o espetáculo exótico de uma situação de atraso que a indústria vem reduzindo a uma curiosidade turística? Na redefinição atual da cultura popular, deve-se compreender a produção, a circulação e o consumo, que alteram o significado de sua produção material e simbólica.

As culturas tradicionais não são absorvidas progressiva e inevitavelmente pelo capitalismo porque as interações são mais complexas e possuem múltiplas combinações. Sabendo-se que o artesanato ocupa pequena fração dos rendimentos nacionais, García Canclini (1983a, p. 61-62) sustenta que este gênero de manifestação subsiste e cresce porque desempenha funções na reprodução social e na divisão do trabalho necessárias para a expansão do capitalismo, que encontra formas de perpetuação e expansão através das culturas populares.

Nos meios urbanos, o artesanato raramente desempenha as funções originárias das culturas indígenas, pois ocorre a passagem de um uso prático e cerimonial a outro que é estético, decorativo e simbólico. Trata-se de uma modificação do sentido primário quando transita do meio rural ao urbano, da cultura camponesa ou indígena à da burguesia e dos estratos médios.

Os promotores da modernidade, embora a anunciem como superação do antigo e do tradicional, atraem-se cada vez mais por referências do passado. Os movimentos populares desejam modernizar-se, assim como os setores hegemônicos têm interesse em manter o tradicional, ou parte dele, como referente histórico e recurso simbólico contemporâneo.

García Canclini aponta também a perpetuação da hegemonia das classes burguesas através do interesse destas pelas culturas populares como recurso político de reorganização do sentido dos produtos populares e das suas instituições para subordiná-los à ideologia dominante. No entanto, para criar uma cultura que provenha democraticamente da reconstrução crítica da experiência vivida, as classes populares rurais e urbanas devem desempenhar o papel de protagonistas.

---

<sup>16</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983. Nesta obra, o autor realiza estudos e análises sobretudo do artesanato e das festas populares no México e de como são reestruturados no encontro com a lógica do capitalismo.



Ainda que exista no desenvolvimento capitalista uma tendência para absorver e tornar semelhantes as formas de produção material e cultural que o precederam, a subordinação das comunidades tradicionais não deve ser completa devido à impossibilidade do próprio capitalismo industrial de proporcionar trabalho, cultura, assistência médica para todos, e, também, pela resistência por parte das etnias que defendem a sua identidade. O caráter ambíguo da estratégia que as classes dominantes põem em prática diante das culturas subalternas é explicado, desse modo, pela existência de um duplo movimento: pretendem impor aos dominados os seus modelos econômicos e culturais e, ao mesmo tempo, procuram apropriar-se do que não conseguem anular ou reduzir, utilizando as formas de produção e de pensamento alheias através da sua refuncionalização para que a sua continuidade não seja contraditória com o crescimento capitalista. (GARCÍA CANCLINI, 1983a, p. 110)

O fato de contarmos apenas com um pluralismo indiferente às causas concretas da diversidade e da desigualdade entre as culturas torna difícil delinear uma política que seja adequada à situação de interdependência existente no mundo e à homogeneização planetária alcançada pelas políticas imperialistas. As culturas subalternas são impedidas de qualquer desenvolvimento autônomo ou alternativo, pois sua estrutura social e linguagem são reordenados e adaptados ao sistema capitalista.

Há uma fração industrial que busca o crescimento econômico através do desenvolvimento tecnológico e considera o artesanato um vestígio de formas de produção pré-capitalistas e um obstáculo a ser erradicado. Porém, o autor refuta a concepção linear e evolucionista que diz que as culturas indígena e camponesa compõem uma etapa pré-industrial e destinam-se inevitavelmente a igualarem-se cada vez mais à modernidade até se dissolverem nela.

Em vez de cultura oral, tradicional ou subalterna, fala-se de culturas populares a fim de não as reduzir a um traço essencial, além de que é difícil conceber a autonomia entre as culturas subalternas e as hegemônicas, visto que pertencem a um único sistema social. O aspecto híbrido do artesanato consiste na inscrição histórica (processo que vem desde as sociedades pré-colombianas) e na estrutural (na lógica atual do capitalismo dependente).

No campo da arte e do artesanato, o mercado os dispersa e ressemantiza ao vendê-los em países diferentes e a consumidores heterogêneos. Algo semelhante ocorre no mercado político, pois os bens ideológicos são cada vez mais parecidos em todos os países da América Latina. As forças políticas que se definiam por perfis nacionalistas foram esmorecendo a favor de desafios comuns, que se resumem nos problemas da dívida externa e da reestruturação industrial.

A hibridação refere-se também ao fato de não se formarem antagonismos extremos entre o meio rural e o urbano; enquanto este alberga alguns pensamentos e gostos semelhantes aos cultivados naquele, o ambiente rural também não se fecha às inovações modernas, que chegam pelo rádio e pela televisão. O mercado reorganiza o mundo público como ambiente do consumo e dramatização dos signos de níveis sociais, dado que as vias urbanas congestionam-se de carros e pessoas apressadas para cumprir suas obrigações profissionais ou gozar de uma diversão programada.

Outro exemplo de hibridação é a interação dos monumentos, que reservam a memória histórica, com os signos da cidade moderna representados por publicidade, grafites e novos movimentos sociais. Ainda, García Canclini chama atenção para dois processos – desterritorialização e reterritorialização – na tentativa radical de compreender o que significa entrar e sair da modernidade. Por um lado, perde-se a relação originária da cultura com os territórios geográficos e sociais e, por outro, velhas e novas produções simbólicas sofrem realocações territoriais relativas e parciais.

Embora se tenha assistido à derrocada de tantas tradições e modernidades, alguns trabalhos de artistas e produtores populares nos permitem refletir que o tema das utopias e dos projetos históricos não está consumado. Faltam alternativas socializantes ou mais democráticas que atendam ao grau de desenvolvimento tecnológico e à complexidade da crise social. García Canclini (2006a, p. 345) trata também da reorganização cultural do poder, donde se analisam as conseqüências políticas da passagem de uma concepção vertical e bipolar das relações sociopolíticas para outra descentralizada e multideterminada.

O incremento de processos de hibridação evidencia que captamos muito pouco do poder no registro dos confrontos e das ações verticais. Através da descrição das hibridações, infere-se que hoje todas as culturas são de fronteira. As culturas perdem o vínculo exclusivo com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. Os circuitos simbólicos também permitem repensar os vínculos entre cultura e poder da seguinte maneira:

A busca de mediações, de vias diagonais para gerir os conflitos, dá às relações culturais um lugar proeminente no desenvolvimento político. Quando não conseguimos mudar o governante, nós o satirizamos. Nas danças do Carnaval, no humor jornalístico, nos grafites. Ante a impossibilidade de construir uma ordem diferente, erigimos nos mitos, na literatura e nas histórias em quadrinhos desafios

mascarados. A luta entre classes ou entre etnias é, na maior parte dos dias, uma luta metafórica. Às vezes, a partir das metáforas, irrompem lenta ou inesperadamente práticas transformadoras inéditas. (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 348-349)

A hibridação é uma forma de reconciliação de etnias e nações, útil no reconhecimento da produtividade dos intercâmbios e cruzamentos, da participação de vários repertórios simbólicos, do passeio pelos patrimônios e dos contatos com as diferenças, embora também represente o lugar de descaracterização ou frustração das culturas, como ocorre no abandono da língua materna pelos emigrantes ou nos artistas que mudam seu estilo para atenderem à lógica lucrativa do mercado.<sup>17</sup>

O culto, o popular e o massivo interagem crescentemente abrandando as fronteiras entre seus praticantes e seus estilos. O popular e o culto, o nacional e o estrangeiro aparecem como cenários quando se trata de compreender os entrecruzamentos nas fronteiras entre países e nas redes fluidas que intercomunicam os povos, etnias e classes. A modernização insatisfatória deve ser interpretada em interação com as tradições que persistem.

A análise cultural da modernidade requer a equiparação dos modos de nela entrar e dela sair, mas atentando-se ao equívoco de considerá-la um período histórico ou um tipo de prática com a qual é possível aderir-se escolhendo estar nela ou não. A modernidade não é só um espaço ou um estado em que se entra ou de que se emigra, mas uma condição que nos envolve, nas cidades e no campo, nas metrópoles e nos países subdesenvolvidos.

García Canclini define os países latino-americanos da atualidade como resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (principalmente nas áreas mesoamericana e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas, educativas e comunicacionais modernas. Geraram-se formações híbridas em todos os estratos sociais. (GARCÍA CANCLINI, 1995, p. 212) É ainda mais desafiadora a construção do novo na América Latina, conquanto os tradicionalistas e os modernizadores discutem universos singulares e negligenciam as dimensões do hibridismo.

---

<sup>17</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Gourmets multiculturales. *La Jornada Semanal*, México D. F., 5 dez. 1999. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1999/12/05/sem-nessor.html>>. Acesso em: 11 maio 2006. A hibridação é também ponto de partida para desfazer-se das tentações fundamentalistas e dos fatalismos sobre guerras civilizadoras; enfim, permite a existência de “gourmets multiculturais”.

As misturas interculturais possuem produtividade e poder inovador, além de que os setores populares apropriam-se dos benefícios da modernidade. Pode-se escolher entre viver em estado de guerra ou de acordo com as políticas de hibridação, que serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências de modo que a história não se reduzisse a conflitos culturais. É possível interpretar García Canclini como favorável ao processo do hibridismo como uma das possibilidades de democratização, sem a qual os modelos puros de modernidade não obteriam êxito na América Latina.

#### 4) SENTIDOS LOCAIS E GLOBAIS DA MODERNIDADE

Néstor García Canclini concebe a América Latina como sociedades “pluralistas” porque não chegou a uma única modernidade, mas a vários processos desiguais e combinados de modernização. A idéia de que a globalização uniformiza todo o mundo é falsa. Alguns privilegiam seu aspecto econômico e por isso lhe atribuem uma origem mais remota, enquanto outros dão ênfase às dimensões políticas, culturais e comunicacionais afirmando que a globalização apareceu recentemente.

Na etapa mais atual de globalização, é uma simplificação insustentável optar, de forma excludente, entre dependência ou nacionalismo, e entre modernização ou tradicionalidade local. Tem sido responsabilidade dos Estados zelar pelo patrimônio e administrar o tradicional, enquanto as empresas privadas auspiciam o moderno. A tendência é de que a modernização da cultura para as elites e as massas fique em mãos da iniciativa privada.

Amplos setores da produção, que estavam até então sob controle do poder público, transferem-se às empresas privadas. À pergunta de por que atrasa a modernização da América Latina, García Canclini responde:

Há algo a mais que a repetição dos intercâmbios desiguais entre nações e impérios. Passamo-nos de situarmo-nos no mundo como um conjunto de nações com governos instáveis, freqüentes golpes militares, porém como entidade sociopolítica, a ser um mercado: um repertório de matérias-primas com preços em decadência, histórias comercializáveis que se convertem em músicas folclóricas e telenovelas, e um enorme pacote de clientes para as manufaturas e as tecnologias do norte, porém com pouca capacidade de compra, que paga as dívidas vendendo seu petróleo, seus bancos e suas linhas aéreas. Ao desfazermos do patrimônio e dos recursos para administrá-lo, expandi-lo e comunicá-lo, nossa autonomia nacional e regional se atrofia.<sup>18</sup>

Quanto à questão da dependência cultural, o enorme poder de Televisa, Rede Globo e outros organismos latino-americanos está mudando a estrutura de nossos mercados simbólicos e sua interação com os dos países centrais. Os artistas devem transcender seu campo se querem realizar projetos reconhecidos socialmente. O popular e o culto requerem novas estratégias enquanto atravessados por uma reorganização industrial, mercantil e espetacular dos processos simbólicos.

---

<sup>18</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Reconstruir políticas de inclusão na América Latina. In: *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003, p. 21-38. Citação nas pp. 23 e 24.

Quase todos os símbolos máximos da globalização (como Hollywood e a sede do Banco Mundial) encontram-se nos Estados Unidos e no Japão, alguns na Europa e praticamente nenhum na América Latina, o que nos permite questionar a função ocupada por cada um no mundo. Também, a análise crítica da globalização associa-se às impotências políticas do século XX, que foi pródigo em revoluções, vanguardas políticas, artísticas e outros imaginários criadores.

Filmes, canções, peças de teatro e telenovelas latino-americanas circulam cada vez mais no mercado internacional devido à sua qualidade estética e capacidade de representar um tipo de cultura popular que interage com as estruturas simbólicas modernas e, alguns se aventurariam a dizer, pós-modernas. As tensões interculturais são um dos mais férteis objetos de pesquisa e uma chance de construir sujeitos coletivos, políticas abertas e democráticas.

A uniformização do mundo num mercado planetário é consagrada como o único modo de pensar e, conseqüentemente, muitos concluem que o capitalismo é o único modelo possível para a interação entre os homens e a globalização é sua etapa superior e inevitável. É importante discutir como a interculturalidade intervém no mercado e nas fronteiras, e se é possível entender as relações entre a Europa, os Estados Unidos e a América Latina do ponto de vista da cultura e não apenas do intercâmbio econômico.

A oposição entre centro e periferia não se aplica à realidade atual, visto que o mundo funciona com outra cartografia, que requer noções como as de fronteira, circuitos e diáspora. Os capitais movem-se cada vez mais livremente pelo mundo, sem fronteiras nacionais nem étnicas; tecnologias de ponta marcam presença em sociedades tradicionais; ocorre o intercâmbio fluido de idéias e informações em todo o planeta.<sup>19</sup>

Há uma forma de poder disseminada sob o nome de globalização, que atua por meio de estruturas institucionais, organismos de toda escala e mercados de bens materiais e simbólicos mais

---

<sup>19</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Las naciones, o lo que queda de ellas en la globalización. *La Jornada Semanal*, México D. F., 21 jul. 1996. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1996/07/21/sem-canclini.html>>. Acesso em: 18 jun. 2006. Neste artigo, García Canclini retoma a discussão do antropólogo Guillermo Bonfil sobre o “México profundo”, em que há o gosto pela modernização, pois as culturas locais crescem e se expandem a fim de tornarem-se cosmopolitas, aprendendo a falar em inglês, manejar cartões de crédito e viajar de avião. A globalização, ademais, não é só um desafio epistemológico e político para a antropologia consagrada às culturas tradicionais, mas traz também uma reconstrução dramática das identidades.

difíceis de organizar e controlar que no tempo em que as economias, as comunicações e as artes operavam sempre dentro de um limite nacional.

Os estudiosos da globalização descrevem-na através de narrações e metáforas, pois ela apresenta-se como um “objeto fugidio e não-trabalhável”. (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 9) É por esse motivo que os relatos de migrantes e exilados também remetem à globalização. Invoca-se a necessidade de criar uma nova cultura do trabalho, do consumo, do investimento, da publicidade e da gestão dos meios informáticos e de comunicação. García Canclini observa que:

Interessaram-me, sobretudo, os fatos, narrativas e metáforas que condensam aspectos centrais das relações internacionais e os diversos modos de imaginar a globalização □ ou suas formas equivalentes em menor escala: confrontações e acordos internacionais ou regionais □ que põem em crise as formas habituais de concebê-las. (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 14)

Cada um imagina a globalização de acordo com o que presencia e suas necessidades, desde o gerente de uma empresa transnacional que tem que vender seus produtos, até os governantes da América Latina que estreitam suas relações diplomáticas ou o migrante que procura abrigo num outro país que lhe ofereça melhores condições de vida. Uma fração dos políticos, financistas e acadêmicos pensa numa globalização circular, enquanto os demais imaginam globalizações tangenciais.

O mundo é narrado como envolvido pela globalização circular, que pretende abarcar tudo, mas também mantêm-se vivas as globalizações tangenciais e divergentes, pois estende-se a possibilidade de opção. Além disso, as diferenças históricas e locais persistem, apesar da retórica unificadora, porque os poderes globalizadores são incapazes de abranger a todos e porque seu modo de reprodução e expansão exige que haja diferenças entre a circulação mundial das mercadorias e a distribuição desigual da capacidade política de utilizá-las.

O que há é discriminação do norte em relação aos latino-americanos, enquanto admiração e receio no sentido inverso. Emergiram quatro padrões: o sistema republicano europeu de direitos universais, o segregacionismo multicultural dos Estados Unidos, as integrações multiétnicas do Estado-nação nos países latino-americanos, e a integração multicultural propiciada pelos meios de comunicação que atravessa todos eles.

O poder de negociação dos sindicatos limita-se cada vez mais, e as condições de trabalho tornam-se instáveis. Temos a sensação condicionada de que é difícil modificar alguma coisa, que em vez de tal programa de televisão ou regime político poderia haver outro devido à dificuldade de imaginar um local preciso de onde nos falamos.

É a percepção também de que a mídia comunica-se a partir de posições intangíveis. A comunicação da cultura ocorre através da divergência entre o que é oferecido pelas instituições e a recepção de diversos públicos. García Canclini só pôde tratar da crise da modernidade contrastando estas questões com estudos de outros países.

Houve um tempo em que a política se apresentava como o combate militante entre concepções de mundo antagônicas. García Canclini afirma que a opção central, hoje, não é a que oscila entre defender a identidade ou nos globalizar, pois os estudos mais esclarecedores do processo globalizador exigem a compreensão do que podemos fazer e ser com os outros, de como enfrentar a heterogeneidade, a diferença e a desigualdade.

A tentativa é de entender como o global se modula nas fronteiras, na multiculturalidade das cidades e na segmentação de públicos midiáticos. Na etapa pré-global, era mais fácil e nítido distinguir o local do universal, pois as nações eram unidades aparentemente mais coesas e pareciam conter a maioria das relações interculturais. No entanto, o futuro da globalização deverá ser decidido por cidadãos multiculturais.

A globalização não dispõe todos para todos, nem possibilita a entrada em todos os lugares; ainda, não se faz compreensível sem os dramas da interculturalidade e da exclusão, sem as agressões cruéis do racismo e as disputas em escala global. Surge novamente a questão do que é produção cultural própria, sobretudo por causa da presença multicultural de imigrantes de origem variada e da interculturalidade. Sua estratégia hegemônica tende a atentar somente à parte desses processos que é redutível ao mercado.

Hoje a interculturalidade se produz mais através de comunicações midiáticas que por movimentos migratórios. Quem recebe a culpa pelo aumento do desemprego, da delinquência e dos conflitos sociais nos Estados Unidos e na Europa são os migrantes estrangeiros. Houve uma transição



da modernidade ilustrada para a modernidade neoliberal, onde a globalização é imaginada mais facilmente para os mercados que para os seres humanos.

As constituições européias e as latino-americanas alicerçaram-se na concepção da modernidade desenvolvida a partir do Iluminismo e da Revolução Francesa, que pretendiam incorporar todos através da educação generalizada e da extensão de benefícios modernos, como os direitos da cidadania. No entanto, há uma enorme distância entre os discursos humanistas e as práticas políticas. Na modernização da América Latina, muitas vezes se deu preferência aos alemães, ingleses e franceses antes dos portugueses e espanhóis.

García Canclini chama a globalização de última etapa moderna. A partir do momento em que a América Latina deixou de ser colônia, a condição socioeconômica e cultural passou a ser explicada como parte da modernidade e de nossa posição subalterna dentro das desigualdades do mundo moderno. As sociedades latino-americanas foram acusadas de indiferença, hábitos indolentes e incapacidade para sair do atraso.

A América Latina imagina a Europa como foco da exuberância da modernidade, onde surgiu a racionalidade, a liberdade de expressão, as universidades, a democracia, o desenvolvimento econômico, a educação para todos, a promoção do bem-estar geral, e as inovações que melhoram e ampliam a modernidade. Enquanto isso, nossa pesquisa e pensamento social são pouco conhecidos e difundidos fora do território onde são gerados.

Entretanto, muitos artistas latino-americanos procuraram localizar e legitimar as culturas nativas ao retomar a modernidade européia, mesmo que García Canclini reconheça que a América Latina não é um bloco ou uma totalidade homogênea através das pesquisas históricas e dos estudos culturais e antropológicos recentes. Por essa razão, o autor focaliza três países: Argentina, México e Brasil.

As identidades, nestes locais, são menos monolíticas e mais sincréticas. As possibilidades de encontro intercultural são melhor aproveitadas pelo mercado que pelas lutas políticas, principalmente nas redes de televisão, nas gravadoras e produtoras de espetáculos que ampliam o mercado de produtos culturais latinos.

O problema é que a mídia divulga a latinidade como se as identidades nacionais fossem algo concreto e preciso e só existissem mexicanos no México, sem considerar as várias etnias que o compõem. Outrossim, outra dificuldade reside em como aproveitar as alianças entre latinos sem que as diferenças entre cubanos, dominicanos, venezuelanos e outros se diluam, de forma a preservar o valor político e cultural de cada um deles.

Quanto ao global e ao local, aquele se entende como subordinação geral a um único estereótipo cultural, enquanto este realça a diferença, que se manifesta como interlocução com aqueles com que estamos em conflito ou buscamos alianças. Por mais que o mundo se globalize, as diferenças persistem muito além das narrativas da homogeneização absoluta e da resistência do local.

O local e o popular já tiveram sentido como parte da nação pela vontade de vincular suas regiões e integrá-las através de transportes e comunicações. Há inclusive um debate teórico internacional que discute se a globalização assemelha-se ao imperialismo, é americanização disfarçada ou é global, ou seja, permite averiguar o que subsiste do local, o que se mesclou, está em outra parte ou em nenhuma delas (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 89).

García Canclini defende que se trata de construir opções mais democráticas de modo que todos acessem o local e o global, em vez de escolher entre defender o local ou globalizar-se. Alguns tratam a globalização como se fosse um ator social capaz de produzir comunicações ou pobreza generalizadas, no entanto não é um sujeito, mas um processo no qual se movem atores que podem orientá-lo em direções distintas.

A globalização permite a imaginação de várias identidades e culturas. Existe algo de democrático quando deixamos que os outros se nomeiem. Alguns setores das sociedades latino-americanas buscam formar identidades multiculturais que transcendem a cor da pele, o que antecipa soluções democráticas do futuro. Os modelos, sobretudo os europeus, apropriados pela América Latina não previam a diversidade étnica dos habitantes do subcontinente e, por isso, se não sofressem modificações, assistiriam ao seu fracasso.

As relações interculturais nas condições da globalização passaram a ser narradas e imaginadas pelas indústrias culturais como mensagens televisivas e eletrônicas, quando antes só eram feitas por

escritores e viajantes, publicados em livros e jornais e administrados pelos Estados nacionais.<sup>20</sup> A industrialização da cultura, costuma-se dizer, é o que mais contribuiu para sua homogeneização.

As empresas pensam mais em como globalizar a cultura ou criar uma cultura global. Sobre a variedade de modos como as produções culturais se situam na globalização, formulam-se três dilemas em que os conflitos estéticos misturam-se com três opções conflituosas nas políticas culturais (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 133-134): criatividade *versus* comunicação de massa; experimentação lingüística *versus* formação de estilos internacionais; recomposição da esfera pública e cidadania.

A globalização fornece o conhecimento recíproco entre culturas antes desconectadas e o acesso de amplos setores aos bens e mensagens modernos, embora essa interculturalidade e essa modernidade estejam distribuídas de maneira desigual. Televisão por cabo e sistemas sofisticados de informática ainda são elitizados, enquanto as grandes massas limitam-se na sua incorporação à cultura globalizada.

Algumas coisas se beneficiam e outras ficam de fora da globalização. Ao mesmo tempo que há uma tentativa de mercantilização e padronização integral dos bens e mensagens culturais através das tendências comerciais e homogeneizadoras da globalização, o campo artístico é valorizado como instância em que se conservam ou renovam as diferenças simbólicas.

As tecnologias mais recentes engendram um território de disputa entre norte-americanos, europeus e japoneses pelo controle do mundo. A América Latina, exceto por algumas atividades, apenas consome essas novidades. Os Estados latino-americanos, nas décadas de 1980 e 90, privaram-se dos meios de comunicação de massa no momento em que estes cresciam e deixaram em mãos privadas as ferramentas que informam a cidadania e oferecem canais públicos para a sua expressão.

---

<sup>20</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas urbanas de fin de siglo: la mirada antropológica, *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, UNESCO, n. 153, set. 1997. Texto disponível também em: <<http://www.unesco.org/issj/rics153/canclinispa.html>>. Acesso em: 23 jun. 2006. Neste artigo, o autor sustenta que a mesma política econômica de modernização industrial que transbordou a cidade promoveu paralelamente novas redes audiovisuais que reformulam as práticas de informação e entretenimento, e recompõem o sentido da metrópole. A reorganização das práticas urbanas sugere que a caracterização *socioespacial* das megalópoles deve ser completada com uma redefinição *sociocomunicacional*, que dá conta do papel reestruturador dos meios no desenvolvimento da cidade. Enquanto a expansão demográfica e territorial desalenta a maioria dos habitantes, localizada na periferia, para assistir aos cinemas, teatros e salões de baile concentrados no centro, a rádio e a televisão levam a cultura a 95% dos lares.

Pergunta-se se estamos diante da expansão comunicacional subordinada a critérios comerciais. A globalização representada pelas indústrias culturais não homogeneiza o diferente, mas comercialmente institucionaliza as inovações, a crítica e a incerteza. As artes visuais, produções televisivas, editoriais e musicais transnacionais expõem-se no mundo todo devido às novidades tecnológicas e aos altos investimentos econômicos.

As megalópoles dos países subdesenvolvidos apresentam uma distância ainda maior entre a urbanização globalizada e a cidade tradicional. Especialistas no assunto diferenciam as cidades globais (Los Angeles, Paris, Berlim) das “cidades emergentes”, cuja gestão de serviços globalizados coexiste com setores tradicionais e atividades econômicas informais ou marginais, além de deficiência na infraestrutura, desemprego e pobreza (São Paulo, Cidade do México, Moscou). Este último grupo de cidades assiste à tensão entre expressões extremas da tradição e da modernização global.

Este cotejo retoma a apropriação de modelos pelos “países emergentes” como, por um lado, a oportunidade de integração internacional e, por outro, a intensificação da desigualdade, da exclusão econômica e cultural. Os jovens que não tiveram boa formação educacional, mesmo que se insiram no mercado de trabalho, terão sua mão-de-obra desvalorizada e poderão ser facilmente substituíveis caso haja possibilidade de baixar os custos de produção e contratar quem trabalhe por menos.

Nas grandes cidades latino-americanas, o espaço público desenvolve-se para a população principalmente nos meios de comunicação de massa. Mais que da indústria, atualmente os impulsos mais fortes para o desenvolvimento provêm de processos informáticos e financeiros. Parte dos recursos utilizados pelas empresas de comunicação deveria ser canalizada para fins públicos ou com finalidade social. O Estado cede seu papel de protagonista a empresários privados e corporações transnacionais.

Durante a modernização das cidades latino-americanas, a segregação organizou-se separando os grupos sociais em diferentes bairros. É o fenômeno dos condomínios fechados, portões eletrônicos de edifícios e cercas elétricas, onde se separam os ricos dos pobres, os mais dos menos favorecidos. Novas estratégias de separação e proteção são adotadas, que alteram a paisagem urbana, os deslocamentos pela cidade, os costumes e imaginários cotidianos. Passou-se de uma “visualidade multicultural à reclusão compartimentada” (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 163).

As grandes cidades concentram muitas inovações e, por conseguinte, são os cenários preferenciais de reflexão sobre as mudanças e os desafios gerados pela globalização e legados aos governos urbanos, às empresas privadas e associações independentes. O processo de globalização não se resume à oposição local- global dos anos 1980 e início dos 90, mas se fundamenta em outras bases, que dão atenção ao Estado-nação, à economia global, às estratégias locais e regiões fronteiriças.

A globalização é um processo segmentado e desigual, embora seja imaginada como co-presença e interação de todos os países, de todas as empresas e de todos os consumidores. Não só significa livre circulação de bens e mensagens, mas a transposição de fontes de trabalho para regiões onde os custos de mão-de-obra e a tributação fiscal são mais baixos. As desigualdades geradas podem-se tornar exclusão.

García Canclini estabelece que, na América Latina, a agenda segregadora da globalização geralmente prevalece sobre a integradora e comunicadora. Ainda há muitas desigualdades no acesso à cultura e no seu exercício criativo, e falta a garantia de espaços públicos e circuitos comunicacionais onde homens e mulheres de diversas etnias e idades possam-se manifestar e buscar sua renovação.

Como fuga dos interesses mercantis presentes nos processos globalizadores, o que se propõe é que pensemos juntos no que é possível fazer em nossas sociedades para que todas se tornem menos desiguais, menos hierárquicas e mais democráticas. Para isso, García Canclini acredita que se devam intensificar os intercâmbios nos âmbitos da arte, da literatura, do cinema e da televisão de qualidade, que se responsabilizam pela antecipação das trajetórias de cada sociedade.

Aumenta a informação sobre os outros através da aproximação dos distantes e da aceleração dos intercâmbios, mas raramente a compreensão das diferenças. Numa tentativa de entrever o desafio que é a construção do novo na América Latina, García Canclini pondera sobre a passagem do século XX para o XXI na possibilidade, mesmo que remota, de reconhecer o que existe entre as narrativas globalizadoras e as que só afirmam identidades:

Nas indústrias culturais que não renunciam aos riscos da imaginação artística, nos intercâmbios econômicos que aceitam políticas sociais plurais, nos movimentos culturais que inauguram novas formas de mediação podemos entrever não algum tipo de cena final destinada a se repetir como espetáculo, mas um futuro diferente que se distancie dos totalitarismos mercantis ou midiáticos. Nesse horizonte é

possível imaginar a globalização como algo mais que uma monótona abundância.  
(GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 191-192)

A inovação incessante foi uma das características da modernidade, sendo que hoje é uma exigência do mercado a necessidade de acelerar a obsolescência do que já se conhece para incrementar as vendas e a circulação de mercadorias. Atualmente a globalização não ilude mais na sua pretensa capacidade de produzir inovações radicais, pois é questionada pelo descumprimento das suas promessas integradoras e pelo agravamento de assimetrias e desigualdades.

## 5) A CULTURA POLÍTICA: DA CIDADANIA AO CONSUMISMO

Néstor García Canclini indaga, na obra *Consumidores e cidadãos*<sup>21</sup> disposta na forma de ensaios, sobre o que significa ser cidadãos e consumidores em meio às mudanças culturais que alteram a relação entre o público e o privado, e estuda a comunicação, o consumo e a mercantilização da cultura. O autor pede que o livro seja interpretado como uma conversa com antropólogos, sociólogos, especialistas em comunicação, artistas, escritores e críticos de arte e literatura.

Em menos de meio século, a origem européia cedeu espaço ao “destino” norte-americano para as sociedades latino-americanas, quando as capitais referenciais para nosso pensamento e nossa estética deixaram de ser Paris e Londres (em menor grau Madri, Milão e Berlim) para que o imaginário regional fosse ocupado por Nova York, Miami e Los Angeles. O intercâmbio entre Estados Unidos e América Latina ocorre há várias décadas mais nas indústrias de comunicação que na cultura tradicional ou na literatura.

Os vínculos culturais da América Latina foram-se desligando da Europa para ater-se aos Estados Unidos, sobretudo nos mercados agrícolas industriais e financeiros, na produção, circulação e consumo de tecnologia e cultura, e ainda nos movimentos populacionais de turistas, migrantes e exilados, que transfiguraram o caráter da dependência.

Às vezes interpreta-se esta transferência da Europa para os Estados Unidos como a passagem de um exercício sociopolítico a uma submissão socioeconômica: através da relação com a Europa, nós, latino-americanos, aprendemos a ser cidadãos, enquanto os vínculos preferenciais com os Estados Unidos nos reduziram a consumidores. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 13)

Nestes últimos tempos, a inter e a multiculturalidade ocorrem em consequência da aliança entre empresas de comunicação. Os conflitos pela expansão da comunicação restabelecem os dilemas dos latino-americanos entre serem latinos ou adotarem as culturas forâneas e serem *americans*, onde os encontros e as diferenças no triângulo inter-regional definido pelos Estados Unidos, pela Europa e pela América Latina reorientam as políticas culturais.

---

<sup>21</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

O mercado não pode ser entendido como “organizador” da multiculturalidade, pois, embora ele seja regido pela competência, e a globalização a intensifique, as mesclas entre culturas costumam apresentar-se nos circuitos mercantis como “reconciliação” e “equalização”, com mais tendência a encobrir os conflitos do que a elaborá-los. Cria-se a ilusão de que o repertório cultural do mundo está à nossa disposição numa interconexão apaziguada e compreensível.<sup>22</sup>

As mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas de exercer a cidadania:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos □ a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses □ recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 37)

Alguns requisitos são necessários na articulação do consumo com um exercício refletido da cidadania (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 89-90): o acesso fácil e equitativo para as maiorias a uma oferta vasta e diversa de produtos e informação; capacidade dos consumidores de refutar as pretensões e seduções da propaganda e realizar um controle de qualidade dos produtos; e participação democrática dos principais setores da sociedade civil nas decisões de ordem material, simbólica, jurídica e política em que se organizam os consumos.

A globalização não é só um movimento de homogeneização, pois muitas diferenças nacionais persistem sob a transnacionalização. O questionamento que surge é o seguinte: será que o estilo neoliberal de nos globalizarmos é o único ou o mais satisfatório para efetuar a reestruturação transnacional das sociedades? (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 44) Em resposta, deve-se aprofundar o debate econômico sobre as contradições do modelo neoliberal.

A globalização exercida na maneira neoliberal consiste em reduzir empregos para compensar custos, na competição entre empresas transnacionais, restrição dos interesses sindicais e nacionais, cuja conseqüência é que mais de 40% da população latino-americana esteja privada de emprego

---

<sup>22</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Gourmets multiculturales. *La Jornada Semanal*, México D. F., 5 dez. 1999. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1999/12/05/sem-nessor.html>>. Acesso em: 11 maio 2006.



estável e de condições mínimas de segurança. Isto gera o comércio informal (sem carteira de trabalho assinada) e o crescimento do artesanato local. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 42-43)

Para alguns, o consumo e o mercado são questões de eficiência comercial, enquanto a globalização é a maneira de aumentar rapidamente as vendas. Até a política foi submetida às regras do comércio e da publicidade, do espetáculo e da corrupção, e, portanto, deve-se buscar o exercício da cidadania como núcleo daquilo que é relação social na política.

A dificuldade é a de assegurar possibilidades iguais de acesso aos bens da globalização. Na América Latina, os movimentos sociais estão redefinindo o que se entende por cidadão tanto em relação aos direitos à igualdade quanto à diferença. Os direitos mudam e constroem-se em relação a práticas e discursos. García Canclini repensa a cidadania em conexão com o consumo e como estratégia política.

É necessário também averiguar em que medida o controle dos meios de comunicação deve fugir das amarras e da inspeção do Estado para serem dirigidos por empresas privadas e, destarte, entrarem na esfera dos negócios. A intervenção estratégica do Estado dificulta-se já que a maioria dos ministérios e conselhos de cultura continuam acreditando que a cultura e a identidade limitam-se às belas-artes, às culturas indígenas e rurais, a artesanatos e músicas tradicionais. Surge a discussão de qual deve ser o papel do Estado nas articulações culturais.

Em outros tempos o Estado dava um enquadramento (ainda que fosse injusto e limitado) a essa variedade de participações na vida pública; atualmente, o mercado estabelece um regime convergente para essas formas de participação através da ordem do consumo. Em resposta, precisamos de uma concepção estratégica do Estado e do mercado que articule as diferentes modalidades de cidadania nos velhos e nos novos cenários, mas estruturados complementarmente. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 48)

García Canclini afirma que o principal desafio é o de revitalizar o Estado como representante do interesse público, como árbitro ou assegurador das necessidades coletivas de informação, recreação e inovação, de modo que estas não se subordinem sempre à rentabilidade comercial. Tanto nos rádios quanto na televisão, na pesquisa científica, nas últimas tecnologias e nas inovações estéticas que

circulam pelos meios de comunicação de massa, é preciso imaginar o modo de se fazer valer o interesse público.

Ocorre uma cisão no consumo ligado ao entretenimento, nos setores sociais em relação aos bens estratégicos necessários para que se situem no mundo e sejam capazes de tomar decisões. Sobre o fracasso do projeto democratizador, dificulta-se o acesso das maiorias populares às indústrias que demandam melhor qualificação, aumenta a evasão escolar e conseqüentemente o acesso à informação mais nova, não são todos que podem assinar serviços de informática (Internet rápida) e redes exclusivas de televisão (TV por cabo).

As maiorias são excluídas das correntes mais criativas da cultura contemporânea, enquanto a cultura se concentra na capacidade de decisão de elites selecionadas. O consumo tornou-se um lugar que dificulta o pensamento e subordina este às forças ferozes do mercado, que pretende libertá-lo, mas efetivamente dificultou a realização do projeto emancipador da modernidade.

Estamos no tempo de heterogeneidade, fraturas e segmentações dentro de cada nação e de comunicações fluidas com as ordens transnacionais da informação, da moda e do saber. Buscamos cada vez mais códigos compartilhados que fogem dos tradicionais baseados na etnia, classe ou nação de onde proviemos. A nação, por exemplo, já não se define mais tanto pelas fronteiras territoriais ou por sua história política.

A internacionalização abriu as fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos das outras, pois o que se produz no mundo todo está aqui e ficou mais difícil saber o que é o próprio. Paralelamente, a globalização promove uma interação funcional de bens, serviços e atividades econômicas e culturais dispersas com ênfase na velocidade.

Zonas amplas da cultura, do esporte e do lazer foram estruturadas e delimitadas em unidades nacionais. No caso da arte, os projetos renovadores se definem por perfis nacionais através, por exemplo, das histórias da arte e da literatura sendo escritas como histórias das artes e das literaturas nacionais; fala-se de turismo italiano, construtivismo russo, novo romance francês.

As identidades formam-se cada vez menos a partir de símbolos nacionais ou histórico-territoriais, ou os da memória pátria, e apóiam-se em MTV, Hollywood, Televisa e Benetton nas novas gerações. As identidades estão deixando de se referir como núcleo definido pela família, pelo bairro,

pela cidade, pela nação ou outro ente em declínio, o que nos faz indagar se poderiam ser objetos de políticas nestas condições.

Houve uma época em que as identidades se definiam por essências a-históricas, enquanto hoje se configuram no consumo dependendo daquilo que se possui ou se pode possuir. García Canclini chama atenção para o fato de que a versão política de estar contente com o que se tem foi um dos determinantes do nacionalismo dos anos sessenta e setenta, e é hoje compreendida como o último esforço das elites desenvolvimentistas, classes médias e alguns movimentos populares para conter dentro das fronteiras nacionais a difusão globalizada das identidades e dos bens de consumo.

As identidades têm-se estruturado mais através da lógica dos mercados do que dos Estados, com o enfraquecimento dos referentes jurídico-políticos da nação, ao passo que a identidade se vinculava exclusivamente a territórios próprios. O que tem acontecido é a manutenção da cultura nacional com a sua conversão em uma fórmula para designar a continuidade de uma memória histórica instável, que se reconstrói interagindo com referentes culturais transnacionais.

Os meios eletrônicos que incitaram as massas populares a participar da esfera pública deslocaram o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. Surgiram outras maneiras de se informar, de compreender as comunidades a que se pertence e de exercer os direitos. Deriva daí a organização das funções dos atores políticos tradicionais, o declínio das nações como mantenedoras do social e o reordenamento da vida urbana.

As mudanças socioculturais decorrem de: decréscimo de influência dos órgãos públicos locais e nacionais em prol dos grupos empresariais de alcance transnacional; reformulação dos padrões de assentamento e convivência urbanos; reelaboração do “próprio” devido à proeminência de uma economia e uma cultura globalizadas; redefinição do senso de pertencimento e identidade; e passagem do cidadão como representante de uma opinião pública ao cidadão interessado em desfrutar de uma certa qualidade de vida.

Os países latino-americanos são subdesenvolvidos na produção endógena para os meios eletrônicos, mas não para o consumo. Portanto, questiona-se por que o acesso simultâneo a bens materiais e simbólicos não acompanha o exercício pleno e global da cidadania. A população tem sido

destituída dos direitos humanos básicos □ trabalho, saúde, educação, moradia □ problema que abrange também os demais países subdesenvolvidos.

O projeto iluminista de generalizar esses direitos levou a procurar, ao longo dos séculos XIX e XX, que a modernidade fosse o lar de todos. Pela imposição da concepção neoliberal de globalização, para a qual os direitos são desiguais, as novidades modernas aparecem para a maioria apenas como espetáculo. O direito de ser cidadão, ou seja, de decidir como são produzidos, distribuídos e utilizados esses bens, se restringe novamente às elites. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 54)

Pelo viés cultural, discute-se o processo de redemocratização da Argentina<sup>23</sup>, considerando-se que os reiterados fracassos do país e de seus grupos dirigentes estabelecem um questionamento sobre a capacidade de renovar sua cultura política. Isto ocorreria cedendo lugar à crítica e à experimentação na reelaboração do projeto nacional, e à disposição de enriquecer a sociedade reconhecendo as diferenças.

Em povos indígenas do México, García Canclini observou que a introdução de objetos exteriores modernos é aceita desde que possam ser assimilados pela lógica comunitária, já que o desejo de possuir o “novo” não atua como algo irracional ou independente da cultura coletiva a que se pertence. Modelos político-culturais passam a ser oferecidos para administrar as tensões entre o próprio e o alheio.

O sentido “próprio” de vários objetos é delimitado e reinterpretado arbitrariamente em processos históricos híbridos. Os fatores de origem “autóctone” e “estrangeira” (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 86-87) misturam-se no consumo dos setores populares, nos artesãos camponeses que adaptam seus saberes arcaicos quando da interação com turistas, nos trabalhadores que mudam sua cultura operária por causa das novas tecnologias, embora mantenham suas crenças antigas e locais.

Alguns afirmam que as pessoas compram televisores, aparelhos de DVD e carros enquanto lhes falta casa própria, ou mal se alimentam ou se vestem. As teorias sobre o consumo<sup>24</sup> mostram que

<sup>23</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Cultura e política na Argentina: a reconstrução da democracia. Tradução de Maria Lúcia Montes. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 14, p. 52-61, fev. 1986.

<sup>24</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. El consumo sirve para pensar, *Diálogos de la comunicación*, n. 30, 6 pp., jun. 1991. O autor parte de uma definição: o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam as apropriações e os usos dos produtos. Esta permite ver os atos através dos quais consumimos como algo mais que exercícios de gostos e anseios, compras irreflexivas, segundo supõem os juízos moralistas, ou atitudes individuais, tal como se costuma dizer em pesquisas de mercado. Se, alguma vez, o consumo foi um território de

o valor mercantil não é algo contido naturalmente nos objetos, mas resulta das interações socioculturais em que os homens os usam. O confronto entre as sociedades arcaicas e as modernas permite entender que os bens exercem muitas funções em todas elas, e a mercantil é apenas uma delas.

A expansão territorial e a massificação da cidade ocorreram concomitantemente à reinvenção de laços sociais e culturais que se divulgam através do rádio e da televisão. O crescimento urbano desordenado acompanha a expansão dos meios eletrônicos. Os estudos urbanos dedicam-se atualmente mais aos processos informacionais e financeiros que à industrialização como agente econômico mais dinâmico. As cidades modernas conectam-se dentro de si e com o exterior através dos tradicionais transportes terrestres e aéreos, do correio e do telefone, mas também por fax, cabo e satélites.

Na América Latina, os modelos de modernidade, além de terem fracassado, ainda deixaram rastros, entre outros, que se notam pela poluição, que quase o ano todo fica acima do nível tolerado nos principais países, os desabamentos, as inundações, a expansão da pobreza e da marginalidade, a redução da qualidade de vida, a violência incontrolável. É o cenário de cidades como México, Bogotá, Caracas, São Paulo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima.

Temos que interrogar o que significa pertencer a uma cidade, principalmente às megacidades, onde a passagem de migrantes e turistas, o desenvolvimento industrial, comunicacional e financeiro transnacionalizados provocam uma certa desterritorialização de sua cultura local. Dessa forma, as políticas culturais redimensionam-se devido à dissolução das monoidentidades e ao enfraquecimento e reestruturação das culturas tradicionais- locais (populares e de elite) diante do avanço dos meios eletrônicos de comunicação.

Muitas cidades latino-americanas cresceram vertiginosamente e sem um planejamento. O crescimento é errático e o multiculturalismo, conflitante. Os movimentos emancipadores baseados nas grandes narrativas históricas, como o proletariado e as nações, perdem eficácia para a irrupção dos movimentos sociais urbanos, das ações fragmentárias e fugazes. Os mapas citadinos que ordenavam os espaços e davam um sentido global aos comportamentos e aos limites geográficos estão desaparecendo.

---

decisões mais ou menos unilaterais, hoje é um espaço de interação, onde os produtores e emissores não só devem seduzir os destinatários, mas justificar-se racionalmente.

Quanto ao consumo cultural, a participação em espetáculos (cinema, teatro, concertos, partidas de futebol em estádios, salões de baile) e encontros em lugares públicos (praças, estações) tem-se substituído progressivamente pelo consumo do rádio, televisão e vídeo dentro de casa. Se isto acontece no México, onde o Estado incentiva as fortes tradições étnicas e populares mais do que em outras sociedades, a vida simbólica deve ter ainda menos repercussão nos demais países latino-americanos.

Os meios de comunicação de massa contribuíram para a formação da cidadania cultural, ao mesmo tempo que os diversos tipos de filmes permitiram que os variados tipos de gostos tivessem a ver com a formação cultural de uma cidadania democrática. No entanto, surge o questionamento sobre se o cinema é para o público ou para os empresários e em que medida esta variedade de interesses será considerada pelas políticas de produção e distribuição dos filmes mesmo que não sejam dos mais rentáveis.

Além disso, pesquisas dos últimos anos indicam que a imprensa, o rádio e a televisão contribuem para reproduzir, mais do que para alterar, a ordem social. A midiaticização de massa é igualada a um mimetismo de massa pelo fato de seus discursos terem uma função de imitação, de cumplicidade com as estruturas sócio-econômicas e com os lugares comuns da cultura política.<sup>25</sup>

Não é a incompatibilidade entre o tradicional e o moderno que gera dificuldades de integração socioeconômica. Os fracassos derivam da falta de flexibilidade dos programas de modernização, da incompreensão cultural com que são aplicados e da persistência de hábitos discriminatórios em instituições e grupos hegemônicos. Os Estados pouco têm feito para adaptar a gestão social dos múltiplos estilos de vida às diversas formas de participação requeridas pelos setores marginalizados.

Alguns grupos indígenas, por exemplo, tentam relacionar suas tradições com a modernização. Ainda, alguns movimentos atuais exigem, além da autonomia cultural e política, a sua plena inserção no desenvolvimento moderno, através da apropriação dos conhecimentos, dos recursos tecnológicos e culturais modernos.

A ação política subordina-se à espetacularização pela mídia, o que reduz a importância dos partidos, dos sindicatos, das greves, das manifestações públicas e de massa e das instâncias em que as

---

<sup>25</sup> Cf. GARCÍA CANCLINI, Néstor. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Tradução de Javier Esteban Cencig. *Opinião Pública*, Campinas, Vol. VIII, nº 1, pp. 40-53, 2002.

negociações podem ser efetuadas. García Canclini, quando fala da “negociação” da identidade, preocupa-se antes com os aspectos culturais do que com as dimensões políticas da negociação.

García Canclini questiona se os processos de democratização podem ser estendidos a sistemas transnacionais de administração do poder, dos bens e das comunicações. As tradições e crenças locais continuam configurando diferencialmente o público e o privado, os processos de inclusão e exclusão, embora os bens materiais tenham-se globalizado e certos hábitos de consumo tenham convergido.

Prevalece o imaginário do consumo sobre os desejos comunitários enquanto as ações de massa não desenvolvem intervenções adequadas no espaço eficaz da mídia. Sobre a influência da modernidade, García Canclini afirmou que “talvez seja hora de nos emanciparmos do desencanto” (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 288), como se seus projetos fundamentados pela razão nos aprisionassem em vez de promoverem o avanço.

A multietnicidade tem um peso importante nos processos de modernização e integração. No desenvolvimento latino-americano, os desafios do pluriculturalismo permitem a distinção de suas modalidades: a multietnicidade de um lado e, de outro, o multiculturalismo oriundo das formas modernas de segmentação e organização da cultura em sociedades industrializadas.

Quando a noção de modernidade se torna mais problemática, quando se torna evidente que os modelos metropolitanos de desenvolvimento não são mecanicamente aplicáveis à América Latina, a concepção de história que vê as tecnologias modernas como antagônicas às tradições não-ocidentais perde força. Daí que se preste mais atenção ao papel às vezes positivo das diversidades culturais no crescimento econômico e nas estratégias populares de subsistência; aceita-se que a solidariedade étnica e religiosa possa contribuir para a coesão social, e que as técnicas de produção e os hábitos de consumo tradicionais sirvam como base de formas alternativas de desenvolvimento. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 228-229)

García Canclini defende, entretanto, que a América Latina ainda necessita das tradições cultas e populares da arte pré-industrial para que encontre a memória do que a fez do jeito que é, além de uma maneira não fascinada, menos ingênua e mais responsável de sua população indagar se a imiscuição na cultura tecnológica e nos mercados de massa vale mesmo a pena.

O seguinte trecho exhibe um desafio na construção do novo na América Latina e, ao mesmo tempo, uma reflexão lançada por García Canclini:

Ao mesmo tempo que admitimos a globalização como uma tendência irreversível, queremos, com este livro, participar de dois movimentos atuais de suspeita: o daqueles que não crêem que o global se apresente como substituto do local, e o dos que não acreditam que o modo neoliberal de nos globalizarmos seja o único possível. (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 43)

Esta reflexão surge porque as sociedades civis têm aparecido cada vez menos como comunidades nacionais entendidas como unidades territoriais, lingüísticas e políticas. Em contrapartida, têm-se manifestado principalmente como comunidades hermenêuticas de consumidores ou conjuntos de pessoas que compartilham gostos e interpretações em relação a certos bens culturais, que lhes fornecem identidades comuns.



## 6) DESAJUSTES NA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Néstor García Canclini diagnostica que os processos de integração regional desenvolvem apressadamente seus acordos econômicos, sem terem previamente refletido sobre as radicais mudanças simbólicas que geram nas sociedades, nos sistemas de comunicação e nas representações que cada nação tem de si mesma e das outras, donde se atribui uma prioridade às atividades econômicas acima de qualquer outra esfera nacional.

No entanto, as transformações econômicas inserem-se num processo mais amplo e complexo de globalização, de recomposição nacional e internacional dos sistemas educativos, culturais e comunicacionais. Enquanto, entre os países do continente americano, a integração se resume a blocos comerciais e tratados de livre comércio, em áreas como a Europa, a integração transcende a redução de tarifas para mercadorias, pois discute a livre circulação de pessoas e mensagens, a elaboração conjunta de programas educativos e comunicacionais.

Há nações menos preparadas que entram nesse processo de reestruturação dos mercados e acordos internacionais. Por isso, é preciso indagar quais mudanças devem ser feitas na educação, na investigação científica e tecnológica, e na qualificação da força de trabalho a fim de desenvolver políticas mais adequadas a cada situação. Para isso, as políticas culturais têm sido analisadas em alguns países latino-americanos, mas em poucos casos estes balanços consideraram o novo processo de integração supranacional.

Nas discussões sobre livre comércio, os aspectos sócio-culturais tornaram-se parte inevitável das políticas de desenvolvimento nos anos recentes. Os países acessam de maneira desigual e conflitiva os mercados econômicos e simbólicos internacionais. Há dificuldades substanciais para a integração supranacional, como os dilemas culturais mal resolvidos que se referem à integração multiétnica, coexistência de migrantes com residentes antigos, e reconhecimento pleno dos direitos das minorias e das regiões dentro de cada país.

Nas discussões sobre os acordos de livre comércio e integração, os países latino-americanos têm tido maiores possibilidades de sintonizar as experiências da latino-americanidade numa única frequência. Isto se faz ainda mais urgente na transição de cenários do liberalismo clássico, que postulava a modernização para todos, à proposta neoliberal, que leva a uma modernização seletiva, ou

seja, a integração das sociedades provoca a submissão da população às elites empresariais latino-americanas, e estas aos credores, bancos e investidores transnacionais (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 44).

Falharam algumas intenções de integração cultural latino-americana empreendidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pelo Sistema Econômico Latino-Americano (SELA) e o Acordo de Cartagena, entre outros. Estes fracassos conduzem a novas perguntas sobre como combinar a rentabilidade econômica com os interesses públicos (sócio-culturais e políticos), o que requer a reformulação das responsabilidades dos Estados e dos organismos internacionais.

Questiona-se se vale a pena perder caracteres distintivos nos países menos desenvolvidos do continente americano para conseguir certa prosperidade econômica que talvez só alcance uma minoria. Esta integração a uma economia mais poderosa tornaria o país mais dependente e desigual, mais vulnerável aos condicionamentos externos. Assim, o novo papel da sociedade civil caminha junto com a necessidade de reformular o Estado como árbitro e representante do interesse público.

O desenvolvimento das sociedades contemporâneas só pode ser multicultural, enquanto a maior conquista nacional consistiria na reconstrução da esfera pública nacional e internacional pelos países latino-americanos. Na tentativa de evitar que o Estado se veja impotente diante da voracidade dos interesses privados, García Canclini defende que:

Para construir, entonces, una multiculturalidad democrática, para equilibrar el acceso de diversos estratos a los bienes heterogéneos e internacionales ofrecidos por la globalización, es urgente redefinir el papel de los Estados y de los acuerdos multinacionales y multiculturales con un fin principal: reivindicar lo público, entendido como lo colectivo multicultural. (GARCÍA CANCLINI, 1996a, p. 38)

A transnacionalização da economia e dos símbolos permitiu que não existisse uma só cultura homogênea, com uma única identidade distinta e coerente para os membros de cada sociedade. As indústrias comunicacionais estão substituindo as interações diretas pela mediatização eletrônica, e as trocas entre os países e suas políticas culturais continuam sendo definidas como se a globalização

econômica e as inovações tecnológicas não estivessem vigorando, reorganizando as identidades e as formas de pensar o próprio e os vínculos com os outros.

Os acordos de livre comércio, como o NAFTA (*North America Free Trade Agreement*), o Mercosul (Mercado Comum do Sul) e outros tratados realizados entre países latino-americanos, propiciam uma integração econômica maior, embora se ocupem pouco das possibilidades e obstáculos colocados pela crescente desintegração social e pela baixa integração cultural no continente.

A globalização expande a potencialidade econômica das sociedades e dos mercados, ao mesmo tempo que reduz a capacidade de ação dos Estados nacionais, dos partidos, dos sindicatos e dos atores políticos clássicos. Através de pesquisas realizadas entre as populações contidas na União Européia, no NAFTA e no Mercosul, constatou-se que a maioria não entende como esses organismos funcionam, o que eles discutem nem por que tomam as decisões.

A interculturalidade manifesta-se com toda garantia, embora a democracia seja incerta e vulnerável. A globalização e os processos de integração regional exigem que se conheça melhor os outros e que se aprenda a conviver com as diferenças. Na América Latina, há uma história mais ou menos comum que nos permite falar de um “espaço cultural latino-americano” (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 96) onde coexistem muitas identidades.

Contudo, a América Latina tem dificuldade de basear seus projetos conjuntos em unificações forçadas devido a sua heterogeneidade e consideração às discrepâncias e desigualdades internas. Sua multiculturalidade é reconhecida. Os intercâmbios entre os países latino-americanos e os desenvolvidos são desiguais e baseados sobretudo na assimetria e na subordinação das relações econômicas.

Ainda que se possa questionar essa postura, alguns reduzem a globalização a um sinônimo de neoliberalismo, que tentou estabelecer um modelo único para países desenvolvidos e subdesenvolvidos que não se quisessem excluir da economia mundial. Há quem diga que as decepções das aventuras modernas sejam o sintoma do aumento dos acordos de livre-comércio e das integrações regionais, embora, no caso do Mercosul, apressem-se as negociações econômicas sem tempo para compatibilizar os sistemas sociais e políticos.

o atual projeto modernizador se caracteriza por não se propor a incluir a todos, nem sequer nas declarações e programas. Sua seletividade se organiza segundo a capacidade de oferecer trabalho ao menor custo e conquistar consumidores mais que desenvolver a cidadania. A concorrência e a discriminação no mercado prevalecem sobre a universalidade de direitos políticos e culturais. Portanto, por mais que nos dias que correm se fale muito mais de integração entre países latino-americanos e europeus e se realizem acordos mais concretos que em qualquer época anterior, a abertura aos outros, a construção de uma interculturalidade democrática, está mais subordinada ao mercado que em qualquer época precedente. (GARCÍA CANCLINI, 2003a, p. 75-76)

Assiste-se a um processo de “americanização” da América Latina e “latinização” dos Estados Unidos, mas não só por causa dos acordos de livre-comércio. As migrações são fatores importantes para isso, sobretudo com o aumento de latino-americanos nos Estados Unidos e as reações xenófobas e excludentes que surgem como consequência. García Canclini não crê numa integração do continente americano nos moldes do que vem ocorrendo na Europa devido ao patrulhamento ostensivo da fronteira norte-americana com o México e às políticas discriminativas de imigração.

García Canclini defende que a integração da América Latina será uma utopia até que se articulem trabalhadores, indígenas, cientistas, artistas, consumidores de bens materiais e culturais, com o objetivo de incluir na agenda formas de cidadania latino-americana que reconheçam os direitos de todos (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 97). Portanto, o processo de integração, na América Latina, não se deve desentender da variedade interna do continente nem das peculiaridades de cada nação.

O interesse coletivo é o de explorar a potencialidade conjunta de suas práticas culturais a fim de imaginar outro modo de acessar a globalização. Os estudos culturais interrogam-se sobre a reformulação necessária das concepções de desenvolvimento sócio-econômico, nação e soberania nacional, identidades e comunidades de pertencimento. García Canclini propõe também refuncionalizar o mercado para que sirva os interesses de uma nova cultura democrática.

Em meados da década de 1990, notaram-se, em vários países latino-americanos, desajustes macroeconômicos, queda do produto nacional bruto e aumento do desemprego gerado pela crise financeira internacional. É cada vez mais urgente a definição de políticas nacionais que tratem da globalização de maneira crítica e responsável, defendam o interesse público e reconheçam com mais cuidado os desafios e possibilidades das culturas nacionais.

## 7) REFORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS CULTURAIS NA AMÉRICA LATINA

Néstor García Canclini expõe como meta, ao falar de políticas culturais<sup>26</sup>, a revisão das concepções do nacional-popular atuantes na América Latina e sua relação com as práticas protagonizadas por estas políticas. Não se pode uniformizar a situação dos diferentes países latino-americanos, onde se observam dificuldades para desenvolver políticas adequadas à etapa atual dos conflitos sociais e à revisão do modelo de sociedade por que lutamos.

Os órgãos públicos dos países globalizados devem remodelar suas políticas culturais para que não se destruam nos atrativos da modernidade.<sup>27</sup> Como as maiores empresas têm influência transnacional, os demais países que as recebem através da teia globalizada devem canalizar melhor suas estratégias políticas para que não se vejam prejudicados pela intromissão dessas empresas, como é o caso da norte-americana Hollywood, ou da mexicana Televisa, ou da alemã Bertelsmann.

As políticas culturais de que trata García Canclini não são só aquelas que se referem às Belas Artes, aos livros e aos concertos, e por isso responderiam à objeção do “senso comum” de hesitar em colocar as questões políticas no âmbito da cultura devido à urgência na resolução de outros problemas, como inflação, desemprego e exclusão. García Canclini tratará a cultura como “o conjunto de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para compreender, reproduzir ou transformar o sistema social” (GARCÍA CANCLINI, 1983b, p. 40).

É importante frisar que a cultura não é vista agora como um bem suntuoso, uma atividade para as sextas-feiras à noite ou os domingos de chuva, mas um recurso para atrair investimentos, gerar crescimento econômico e empregos. Os vínculos entre cultura e desenvolvimento também se encontram na desigualdade e na penúria. Vários conflitos atuais se explicam, em parte, pelo

---

<sup>26</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Políticas culturais na América Latina. Tradução de Wanda Caldeira Brant. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 39-51, jul. 1983.

<sup>27</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Para un diccionario herético de estudios culturales, *Fractal*, ano 4, v. 5, n. 18, pp. 11-27, jul./ set. 2000. Neste, partindo de uma definição de políticas culturais, estas são o conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, as instituições civis e os grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou transformação social. Contudo, considerando-se o caráter transnacional dos processos simbólicos e materiais na atualidade, não pode haver só políticas nacionais num tempo onde os maiores investimentos em cultura e os fluxos comunicacionais mais influentes, ou seja, as indústrias culturais, atravessam fronteiras, agrupam-nos e conectam-nos de forma globalizada, ou ao menos por regiões geoculturais ou lingüísticas.

esquecimento de que o desenvolvimento econômico não se reduz a crescimento, baixa inflação e equilíbrio na balança comercial.<sup>28</sup>

Na visão de García Canclini,<sup>29</sup> temos que considerar as novas articulações entre economia e cultura com o objetivo de sermos eficazes para reunir estatísticas culturais e situá-las nas políticas de desenvolvimento nacional e internacional. Além disso, a iniciativa de elaborar modelos renovados para construir indicadores culturais não pode ser estabelecida com os mesmos conceitos que tínhamos até alguns anos atrás para vincular a cultura com o desenvolvimento social.

Como os grandes temas da política relacionam-se com a vida cotidiana, ou como as transformações estruturais refletem-se na forma que pensamos e agimos, permitem questionar se é possível uma política popular na América Latina após averiguar sobre as maneiras como os Estados e os partidos concebem a identidade do povo e os pontos de atrito e de convergência na vida dos setores populares. Os argentinos discutem (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 341), há muito tempo, se a política cultural deve optar pela civilização das metrópoles e recusa à barbárie do autóctone, ou por uma reivindicação enérgica do nacional-popular.

Movimentos sócio-políticos que visam reconstruir a identidade nacional e de classe através de projetos populares independentes existem há décadas nos documentos, nos discursos e em lutas parciais. São setores que concebem a cultura nacional como a identidade que o povo cria no processo histórico de lutas autônomas. É difícil implementar esta estratégia cultural e o desenvolvimento da consciência crítica nestas lutas em uma política especificamente cultural.

É fundamental que esta concepção dinâmica, histórica, embaixadora da cultura, guie a construção de políticas populares. Porque os Estados, nos melhores casos, preocupam-se em *resgatar* a cultura do povo, para consagrá-la em museus e livros luxuosos; os meios de massa dedicam-se a *difundir* a cultura de elites, entre as classes populares, ou a manipular os interesses e gostos do povo, para adequá-los a seus propósitos lucrativos. Somente as organizações populares podem *socializar* os meios de produção cultural, não resgatar, mas *reivindicar* o próprio, não difundir a cultura de elites, mas *apropriar-se criticamente* do melhor dela para seus objetivos. (GARCÍA CANCLINI, 1983b, p. 48)

---

<sup>28</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Todos tienen cultura: ¿quienes pueden desarrollarla?*. Conferência para o Seminário sobre Cultura e Desenvolvimento, no Banco Interamericano de Desenvolvimento, Washington D. C., 24 de fevereiro de 2005. pp. 1 e 6.

<sup>29</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. Reconstruir políticas de inclusão na América Latina. In: *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003, p. 21-38.

García Canclini, na discussão deste tema, propõe que uma política popular na cultura não deve resultar de uma série de abstenções (evitar a transnacionalização, não ter vínculo com o Estado, criticar a mercantilização cultural), mas deve ser construída dentro das atuais condições de existência dos setores populares de forma a relacionar-se com os que já desenvolvem políticas culturais direcionadas às massas.

A política cultural tenta compatibilizar as diferenças e trata dos imaginários que nos fazem crer semelhantes. García Canclini atenta para a dificuldade que os latino-americanos possuem para interpelar os outros, no que se faz uso inclusive de termos pejorativos e discriminativos. No entanto, os países latino-americanos aderiram ao modelo europeu no século XIX, embora com modulações diferentes.

As políticas culturais na América Latina tendem a subordinar o povo e a nação às estratégias do Estado, ou seja, são projetadas e aplicadas sem levar em consideração as necessidades efetivas das classes populares, mesmo que freqüentemente as ações do governo se refiram a estas ou convoquem-nas. A dúvida sintética é sobre o que o povo faz com o que o sistema faz com eles.

Para que um novo projeto emancipador seja construído, deve-se conciliar as políticas culturais de reconhecimento com as políticas sociais de redistribuição, a cultura e a economia. As instituições não têm oferecido acesso igualitário a bens e serviços. A tradição liberal, os direitos das minorias excluídas e as condições de uma governabilidade pluralista estão sendo repensados a partir de políticas multiculturais.

A mudança de função da produção cultural não pode ser somente assunto de indivíduos bem intencionados ou de ações isoladas, mas deve incluir: transformações nas instituições destinadas a produzir cultura, a inserção dos artistas e intelectuais nos organismos que se ocupam da circulação da arte e da cultura, a construção de canais alternativos de produção e distribuição vinculados a organizações populares exigindo atenção para o valor do trabalho cultural.

García Canclini defende que nossa relação com a cultura seja muito mais do que tem sido até então, como nas denúncias de manipulações da classe hegemônica e planejamento de ações a curto prazo, para o aproveitamento de conjunturas eleitorais ou outros tipos de mobilização transitória.

Dessa forma, como fator indispensável à construção da hegemonia popular, deve-se modificar a maneira de relacionar o econômico, o cultural e o político às lutas sociais.

As políticas culturais mais populares e mais democráticas devem considerar a variedade de necessidades e demandas da população, sem que seja necessário oferecer espetáculos e mensagens que cheguem à maioria. García Canclini quis dizer que as políticas culturais latino-americanas ainda estão presas no passado e não se adaptaram à nova ordenação das indústrias culturais.<sup>30</sup>

As políticas culturais devem ser bem discutidas, principalmente nos países subdesenvolvidos e no que se refere aos filmes, porque estes não são unicamente um bem comercial, mas constituem um investimento poderoso de expansão e auto-afirmação da língua e da cultura próprias, da sua difusão para além das fronteiras dos países desenvolvidos. O conjunto dos meios de comunicação, não só o cinema, a televisão e o vídeo, redefine as identidades nacionais.

As políticas culturais devem reformular suas concepções urgentemente diante das opções referentes à comunicação audiovisual perguntando-se sobre o que significa o interesse público dentro das novas interações entre culturas locais e globalização. No entanto, o pequeno apoio financeiro e legal para a produção de filmes torna o empreendimento difícil na América Latina caso as políticas culturais continuem desconhecendo a importância das comunicações de massa.

As políticas culturais não estão dando atenção suficiente ao que García Canclini chamou “bases estéticas da cidadania” (GARCÍA CANCLINI, 1999a, p. 272) contidas nos cenários modernos de consumo. As atuais políticas culturais são monótonas e as demais políticas, retrógradas. O espaço público transcende as fronteiras nacionais de cada sociedade civil, que não deve ser confundida com o mercado, nem a integração latino-americana com os acordos entre governos e empresários.

Os aparelhos estatais da América Latina têm tido dificuldade para sair do pêndulo que oscila entre modernização e decadência. Todos reformulam seus capitais simbólicos em meio a cruzamentos

---

<sup>30</sup> Sobre o assunto, confira o seguinte artigo: GARCÍA CANCLINI, Néstor. ¿ La mejor política cultural es la que no existe?, *Telos*, n. 59, abr./ jun. 2004. Nesta oportunidade, o autor defende que a melhor política cultural é aquela que não existe, e que o agravamento da situação dos organismos culturais converge com a afirmação de economistas e políticos, em vários países, de que a melhor política industrial ou agrária é a que não se tem ainda. Defende também que as políticas culturais não criam cultura, mas favorecem ou prejudicam as condições de sua comunicação; se estão a cargo de especialistas, podem ajudar a não confundir o valor com o preço, nem a livre comunicação entre culturas com o comércio sem aduanas.



e intercâmbios. A defesa da autonomia regional ou nacional na administração da cultura continua sendo necessária frente à influência das empresas transnacionais.

As políticas têm sido incapazes de absorver o que acontece na sociedade civil; ocupam-se um pouco da cultura popular tradicional, mas menos ainda das culturas urbanas modernas expressas pelo rock, os quadrinhos, as telenovelas, os vídeos e os demais meios permeados pelo pensamento e sensibilidade das massas. Nas últimas décadas, a cena pública foi apropriada pelos meios eletrônicos de comunicação, que se converteram nos principais formadores do imaginário coletivo.

Uma política é democrática tanto por construir espaços para o reconhecimento e o desenvolvimento coletivos quanto por suscitar as condições reflexivas, críticas, sensíveis para que seja pensado o que põe obstáculos a esse reconhecimento. Talvez o tema central das políticas culturais seja, hoje, como construir sociedades com projetos democráticos compartilhados por todos sem que igualem todos, em que a desagregação se eleve a diversidade, e as desigualdades (entre classes, etnias ou grupos) se reduzam a diferenças. (GARCÍA CANCLINI, 2006a, p. 157)

Em outro sentido, a resistência à modernização e à globalização poderia gerar uma política cultural xenófoba e baseada na reação. Ainda, a promoção das culturas tradicionais deve-se vincular às novas condições de internacionalização, resultado do predomínio dos consumos de comunicação de massa, para que adquira sentido e eficácia, visto que a promoção de tradições locais conserva adesões e contribui para a manutenção dos perfis históricos que distinguem os habitantes de uma cidade.

Subentende-se que, através das reformas nas políticas culturais, a identidade não é só determinada pela raça, pelo Estado ou pelo consumo, mas é produzida historicamente. Outrossim, a “manifestação solidária da capacidade criadora do povo” (GARCÍA CANCLINI, 1983b, p. 51) é capaz de construir uma sociedade onde haja uma progressiva democratização dos meios e a prática de uma política popular na cultura que objetive democratizar também as instituições e as linguagens através das quais se realiza a comunicação social e se estrutura a consciência do povo.

## 8) O QUE SIGNIFICA SER LATINO-AMERICANO

Néstor García Canclini apresenta também perspectivas sobre como a América Latina reestruturou seu dilema dos modelos de desenvolvimento e tem-se inserido nas relações internacionais. Contudo, não é fácil tratar a América Latina em conjunto, pois, embora possua características comuns, seus próprios países destacam as diferenças. Nela, um país tenta diferenciar-se do outro e não há um reconhecimento de igualdade.

Conseqüentemente, a América Latina é heterogênea e possui escalas variadas de desenvolvimento, embora a comunidade lingüística e muitas convergências históricas permitam agrupar seus países. Os próximos parágrafos refletem outras dificuldades sofridas pelos movimentos da modernidade na América Latina, visto que o significado de ser latino-americano assume muitas conotações, que são, por vezes, depreciativas.

Num mundo globalizado, García Canclini sustenta que os latino-americanos devem ser pensados simultaneamente como diferentes, desiguais e desconectados, cujas três modalidades de existência se complementam.<sup>31</sup> O autor também relata que cada modo de privação associa-se a formas específicas de pertencimento, posse ou participação. Ademais, a diferença, a desigualdade e a desconexão referem-se à escolha necessária de um pensamento crítico e não-conformista sobre o que significa ser latino-americano.

A modernidade globalizada não deixa de ser modernidade nem se desvincula do capitalismo; ao contrário, intensifica suas relações. Projetos e espaços públicos foram perdidos, na América Latina, na expansão tecnológica e econômica, de repertórios culturais e ofertas de consumo, na proliferação de mercados e fenômenos urbanos, embora existam perspectivas retomadas por movimentos sociais e culturais. (GARCÍA CANCLINI, 2005a, p. 160)

A reformulação da ordem social e de grande parte das interações nacionais e internacionais, por causa das inovações tecnológicas e do neoliberalismo econômico, modifica o sentido do diferente e do desigual. A passagem da primeira

---

<sup>31</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. O título da obra refere-se às contribuições teóricas de três gêneros de especialistas: os antropólogos estudam as diferenças e preocupam-se com o que nos homogeneiza; os sociólogos observam os movimentos que nos igualam e os que aumentam as desigualdades; e os especialistas em comunicação pensam as diferenças e desigualdades em termos de inclusão e exclusão, ou de como as maiorias se conectam às redes globalizadas.

modernidade, liberal e democrática, com projetos integradores dentro de cada nação, a uma modernização seletiva e abertamente excludente em escala global coloca-nos diante de outro horizonte: agora importam as diferenças integráveis aos mercados transnacionais e acentuam-se as desigualdades, vistas como componentes “normais” para a reprodução do capitalismo. (GARCÍA CANCLINI, 2005a, p. 92)

García Canclini envolve-se num exercício de interpretar a persistência e as mudanças de uma história conjunta que se nega na tentativa de explicar o que significa ser latino-americano nos dias atuais.<sup>32</sup> O que tem ocorrido é uma exaltação mais da competência do que da reciprocidade entre estes países. Aqueles que tiveram a experiência de deixá-los, ao mesmo tempo que gozaram das oportunidades oferecidas pelos intercâmbios globais, assistiram ao desencaixe doloroso dos latino-americanos.

O que acontece na América Latina para que tantas pessoas decidam deixá-la em busca de uma vida melhor? Empresas provenientes de outros países afora os latino-americanos apropriam-se do nosso petróleo, do gás, da eletricidade, de parcela das comunicações e da indústria editorial. O começo do século XXI permite uma nova resposta à pergunta sobre o que significa ser latino-americano, visto que se assumem outros compromissos continentais.

A América Latina não satisfaz seus cidadãos e muitos acabam saindo de seus países. Ao mesmo tempo que decrescem as interferências dos Estados nacionais na integração parcial de seus atores, a modernidade, na sua forma mais recente apropriada pela globalização, permite a ascensão de grupos tais como os indígenas e afro-americanos, camponeses e suburbanos, feministas e provenientes de outros segmentos.

Inserimo-nos de maneira ambivalente no capitalismo como produtores culturais, migrantes e devedores, sendo que conquistamos mais sujeições do que a defesa do patrimônio (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 12). Para citar o caso da Argentina, sua ruína decorre da recessão instalada a partir de 1998, mas intensificou-se mais do que o esperado, pois houve graves efeitos sócio-culturais. O problema econômico tornou-se social e político e a população não acreditava mais que um novo líder pudesse tirar o país da crise.

---

<sup>32</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2002. A proposta de interpretar o latino-americano na atualidade define-se como principal eixo temático desta obra.

O México e a Argentina, por exemplo, são dois países que se acreditam distanciados do subcontinente e seu povo não quer ser latino-americano. Aquele país orgulha-se de sua história e da forma como constrói mesclas culturais diferentemente de seus vizinhos, ao passo que este enfatiza seus traços brancos e portenhos na tentativa de distinguir-se dos demais países e ignora suas províncias indígenas e mestiças.

O significado da latino-americanidade não se depreende apenas pela observação e avaliação do que acontece dentro do território historicamente delimitado da América Latina, mas também fora da região. Os latino-americanos configuram sua identidade heterogênea através de experiências em vários países, no próprio continente e em zonas européias, como se atesta pelas remessas de dinheiro dos emigrantes.

A abertura de fronteiras acompanha novas formas de discriminação. Não se trata de captar uma identidade latino-americana, mas de averiguar como se entrecruzam os velhos e novos processos. A América Latina enfrenta a desconfiança em relação aos Estados administrarem o sentido do nacional, as migrações e os exílios. García Canclini (2002b, p. 20) afirma que o latino-americano anda solto, transborda seu território, vai à deriva em rotas dispersas.

Os habitantes da América Latina dependem do que acontece fora da região. Embora muito do que aconteça nesses processos extra-territoriais não seja medido por números, os trabalhadores mexicanos nos Estados Unidos remetem, ao seu país de origem, uma parcela considerável do Produto Interno Bruto calculado no México.

Há uma grande diferença quanto ao aspecto fronteiriço da América Latina num determinado período definido pelo século XIX e boa parte do XX em contraste àquele que se instaurou com a intensificação do processo globalizador. Cada um pertencia a uma nação e, a partir dela, imaginava suas relações com os outros, além de que a nação continha a cidadania e agia como mediadora nas interações que excedessem as fronteiras.<sup>33</sup>

É necessário que os latino-americanos valorizem mais seus países e se reconheçam reciprocamente. Mesmo que tenham traços históricos comuns, são notáveis as diferenças entre um

---

<sup>33</sup> Os países latino-americanos tinham também uma história compartilhada e isto se devia, em parte, à união promovida pela religião católica.

brasileiro e um mexicano, um chileno e um nicaragüense. Quando se estudam os principais atores da integração e as segmentações das indústrias culturais, a diversidade aparece de forma patente, visto que somente o Brasil e o México possuem mais da metade dos periódicos e das estações de televisão e rádio da América Latina.

O tema das coexistências e tensões entre o que nos unifica e nos segmenta não é novo. Dizer que somos “latino-americanos” retoma dezenas de conotações. Somente dentro do México, a divisão entre os modos mixtecos ou purépechas, chilangos ou jarochos já dificulta a definição do que é ser mexicano. A situação complica-se ainda mais em se tratando da totalidade da América Latina.

A dívida dos países latino-americanos é assombrosa e as políticas nacionais têm sido incapazes de sanar este problema e o das desigualdades. É como se as pessoas pertencentes a eles já nascessem devedoras sem mesmo conhecer os motivos ou serem responsáveis por isso. Países como Brasil, Chile e México enfrentariam as dívidas mais facilmente, visto que possuem recursos estratégicos abundantes e planos de desenvolvimento sustentados durante décadas. Estes três países são os que talvez se inserem melhor na globalização.

A respeito do projeto da modernidade ilustrada, sua realização foi fracassada, como mostra o acesso desigual à escola, o desempenho heterogêneo das diferentes classes, a segmentação do público nos museus, nos teatros, nos concertos e nos meios de comunicação de massas. Pelo que parece, os povos indígenas também estão interessados na modernização e querem apropriar-se de bens modernos a fim de corrigir a desigualdade.

A interculturalidade também deve ser centro de compreensão das práticas e da elaboração de políticas no que se refere à ampla interação entre povos indígenas e sociedades nacionais, entre culturas locais e globalizadas. (GARCÍA CANCLINI, 2005a, p. 69) Ao tratar a interculturalidade como foco de investigação e reflexão, García Canclini tenta compreender as razões dos fracassos políticos e buscar recursos interculturais para construir alternativas.

Os fracassos parecem mais fáceis de perceber e documentar no campo socioeconômico (concentração de renda, aumento do desemprego, queda dos salários, colapso de empresas e países) e no político (proliferação de conflitos, desprestígio acelerado de governantes e instabilidade social). No âmbito cultural, em que são poucos os avanços quantificáveis nas instituições e nos mercados

especializados (salvo a expansão de algumas *majors* midiáticas e da internet), abundam os desmoronamentos de circuitos artísticos, audiovisuais e até de empresas que, há uma década, entusiasmaram-se com a “nova economia” formada nas redes digitais. (GARCÍA CANCLINI, 2005a, p. 260)

O mundo transitou da multiculturalidade, como justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação, à interculturalidade, que se refere ao entrelaçamento e à confrontação quando os grupos se relacionam. Aquela supõe a aceitação do heterogêneo, enquanto a outra trata os diferentes em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. (GARCÍA CANCLINI, 2005a, p. 17)

A América Latina não mudou muito ou podemos afirmar que estamos numa época que ultrapassa a nação? Esta tentou unificar patrimônios tradicionais sob a administração de Estados populistas ou liberais. As unidades territoriais foram primeiramente definidas negligenciando-se as diferenças entre as regiões de cada nação e desmembrando-se áreas culturais, que foram relocadas em países distintos.

A mídia é responsável por muito do que sabemos das contradições cotidianas de outras sociedades. As indústrias culturais, na segunda metade do século XX, contribuíram na interação desses países através das mensagens e formatos da cultura massiva internacional, onde o rádio, o cinema e a televisão redimensionaram a forma como se compreendem as culturas populares. Quanto ao comércio internacional, não se trata de liberalizar a economia sem saber quais as suas condições nos países que a adotam.

A crise dos unilateralismos políticos exige repensar todos os modelos, cujos conflitos interculturais revelam a necessidade de prestar mais atenção à diversidade nestes últimos anos. Deve-se questionar a afirmação de que o livre mercado favorece a liberdade dos criadores e o acesso das maiorias. A latinidade não pode ser reduzida à compreensão do uso e do ensino das línguas latinas, pois o espaço cultural em que se inserem é muito heterogêneo.

A liberalização especulativa dos mercados marginalizou as culturas locais e os setores populares, que deveriam ser melhor interpretados. Numa entrevista<sup>34</sup>, García Canclini referiu-se, entre

---

<sup>34</sup> GARCÍA CANCLINI, Néstor. *No hay una idea de futuro en los políticos*. Entrevistador: Hector Pavon. Argentina, 29 abr. 2006. Entrevista concedida ao periódico *Clarín*. Disponível em: <<http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2006/04/29/u-01186154.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2006. O autor afirmou que estamos numa época em que certos objetivos de desenvolvimento tecnológico, a importância da

outros temas, ao papel dos intelectuais na conjuntura regional e global, dos políticos e dos latino-americanos que vivem nos Estados Unidos e em seu próprio território.

As últimas décadas orientaram a América Latina no sentido da globalização, cuja relação com o mundo parecia mais prestigiosa e prioritária do que o enraizamento no local na proporção em que os meios de comunicação transmitiam fatos internacionais, filmes norte-americanos e europeus, músicas e costumes de regiões longínquas.

A auto-gestão nacional-regional e a abertura modernizadora do neoliberalismo são suas narrativas que tentaram transformar a história da América Latina na segunda metade do século XX. A situação atual caracteriza-se por uma crise geral dos modelos de modernização autônoma, o debilitamento das nações e da própria idéia de nação, a fadiga das vanguardas e das alternativas populares (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 38).

Alguns setores esperam encontrar, nas tradições populares, as últimas reservas do que poderiam ser essências resistentes à globalização devido às dívidas e migrações que relativizam a força das culturas nacionais. Ademais, a busca de alternativas autônomas é, em parte, estimulada pela crise dos modelos políticos nacionais e dos projetos de movimentação e modernização de décadas passadas (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 41).

*¿Por qué atrasa nuestra modernización? Hay algo más que la repetición de los intercambios desiguales entre naciones e imperios. Pasamos de situarnos en el mundo como un conjunto de naciones con gobiernos inestables, frecuentes golpes militares, pero con entidad sociopolítica, a ser un mercado: un repertorio de materias primas con precios en decadencia, historias comercializables si se convierten en músicas folclóricas y telenovelas, y un enorme paquete de clientes para las manufacturas y las tecnologías del norte, pero con baja capacidad de compra, que paga deudas vendiendo su petróleo, sus bancos y aerolíneas. (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 46)*

A transnacionalização, na insuficiência dos modelos de gestão autônoma, trouxe novos administradores das imagens do que significa o latino-americano. Ainda, o terreno sociocultural

---

inovação, os movimentos emancipadores e sua repressão precisam ser lidos sob as chaves da modernidade. Têm pouca importância as teorias econômicas das desigualdades, visto que, na América Latina, estas possuem bases mais complexas que transcendem a economia. Hoje, há uma pluralização de demandas e uma fragmentação dos campos nos quais se buscam mudanças, mas faltam relatos e movimentos que integrem a sociedade numa visão de conjunto, pois o relato neoliberal, que mostrou diversos fracassos, foi o único que tivemos nos últimos anos.

particular denominado América Latina abrange dilemas enfrentados por diversas disciplinas no estudo do latino-americano e da forma como se nomeiam.

A tensão central reside na hipótese de que estamos entre as promessas do cosmopolitismo global e a perda de projetos nacionais. Se quisermos reverter as imagens do latino-americano vinculadas pelas empresas editoriais, noticiários e filmes europeus e norte-americanos, é necessário modificar a articulação das pesquisas culturais e das políticas culturais e comunicacionais (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 57).

Uma das tarefas que se deve empreender é identificar as áreas estratégicas do desenvolvimento da América Latina, ou seja, colocar as pessoas e as sociedades no centro, em vez dos investimentos e de outros indicadores financeiros ou macroeconômicos, que articulam difusamente seus países com o mundo (GARCÍA CANCLINI, 2002b, p. 95). Uma gestão mais autônoma é necessária. Além disso, o fortalecimento da participação social pressupõe a construção de uma cidadania latino-americana semelhante à ocorrida na integração europeia.

A expressão cultural de cada sociedade requer transcender o mercado na América Latina, cujo desejo de lucro negligencia a densidade intercultural. Os próprios latino-americanos devem atentar-se à complexidade sócio-cultural de seus países a propósito de imaginar uma globalização diferente daquela das mercadorias e do capital e outro gênero de comunicação entre as sociedades.

García Canclini (2002b, p. 107) afirma que os latino-americanos podem crescer desde que nutridos de intercâmbios solidários e abertos, renovados e renováveis. Como condição para consolidar a identidade que se busca na inserção da América Latina, esta deve ser intercalada no diálogo global. É necessário, portanto, fazer muito mais do que aumentar as vendas e exportações de seus filmes, discos, telenovelas e livros.

Além da urgência de suas sociedades regularem mais eficientemente a produção, a circulação e o consumo dos bens simbólicos, a dificuldade consiste também no comprometimento com os valores, o patrimônio e as necessidades locais para que a América Latina insira-se com melhores condições em suas relações internacionais, não apenas como produtores culturais, migrantes de devedores.



Na tentativa de interpretar o latino-americano, García Canclini (2002b, p. 32) lança a dúvida sobre o que pode ser retomado dos Estados nacionais, das indústrias culturais e do mercado como integradores de nossa sociedade. Enquanto alguns defendem que a sociedade civil garantiria o futuro da existência da América Latina, García Canclini recorda que esta entidade conhecida como sociedade civil<sup>35</sup> está formada por cidadãos que são, ao mesmo tempo, espectadores e consumidores.

Devido às conquistas e aos fracassos que se puderam notar, não se deve conceber que os Estados, os meios de comunicação e o mercado sejam onipotentes. As opções viáveis atualmente para a América Latina surgem da distinção do que podem fazer os Estados, os meios e os cidadãos. Esta é uma das maneiras para se sair do dilema que caracteriza a questão do moderno na América Latina.

---

<sup>35</sup> A sociedade civil, rememora García Canclini, possui várias atribuições aglutinadas que reestruturam suas funções.

## CONCLUSÃO: INDÍCIOS NA RESOLUÇÃO DO DILEMA

Mediante imperativos amplos e estruturais, a América Latina almeja a ocidentalização, o progresso, a evolução, o desenvolvimento e a modernização, mas sua trajetória não se sucede sem impasses e obstáculos. Tratar a modernidade pode parecer um pouco ambicioso por envolver discussões de profissionais das mais distintas áreas, entre eles historiadores, sociólogos e antropólogos, mas é factível no âmbito de pesquisa em relações internacionais, até por envolver a globalização, devido à formação interdisciplinar oferecida.

O tema permite-nos refletir acerca das interseções existentes na América Latina e de sua inserção no mundo considerando-se também a apropriação de bens simbólicos por seus países, como isso pode ser benéfico ou provocar um grande desastre no processo de desenvolvimento em direção à modernidade. As interculturalidades permitem a entrada de símbolos culturais forâneos que intervêm nas condições dos países, podendo gerar, dependendo do modo como são administradas, desigualdades e até subalternidade.

A formação de culturas híbridas é um grande indício no sentido de que a construção do novo deve preceder da reafirmação das tradições, sem a qual haveria um apagamento da memória histórica e uma submissão aos modelos de modernidade introjetados na América Latina, o que perpetuaria o dilema. Nos capítulos anteriores, delineou-se expositiva, argumentativa e criticamente quais foram os quatro projetos ou movimentos básicos do moderno na visão de um autor e os motivos de seu fracasso na América Latina.

Néstor García Canclini, por vezes, aparenta questionar mais do que oferecer soluções aos problemas, ou seja, há mais dúvidas do que respostas aos desafios propostos. No entanto, e de maneira bastante pertinente e competente, o autor, de modo geral, discute os fracassos dos modelos da modernidade em vários âmbitos, suas causas e implicações, e tenta mobilizar recursos interculturais para construir alternativas dentro do próprio sistema no que poderia ser configurado como um desafio na construção do novo na América Latina.

Se, por um lado, foi uma tarefa aparentemente reducionista utilizar aportes de praticamente um autor no estudo do assunto, por outro, foi possível apreender toda uma linha de pensamento e uma trajetória acadêmica do mesmo autor num estudo totalizante e transdisciplinar. O elevado número de

capítulos permitiu contemplar melhor as diferentes áreas de pesquisa de García Canclini sobre a temática do moderno, embora todas estejam inter-relacionadas.

Contudo, a partir deste ponto, o principal item a que García Canclini faz referência é a necessidade de reformular a esfera de influência do Estado como árbitro e regulador da sociedade. As empresas privadas conduzem seus negócios com vistas ao lucro, enquanto é função do setor público garantir à população um nível de desenvolvimento satisfatório pautado pela recepção de uma modernidade que, de maneira responsável e compromissada, mescle-se com as tradições nacionais a fim de, ao menos, atenuar as desigualdades.

## BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003(a).
- \_\_\_\_\_. Arte en la frontera México-EE.UU. *La Jornada Semanal*, México D. F., 09 nov. 1997(a). Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1997/11/09/sem-canclini.html>>. Acesso em: 09 abr. 2006.
- \_\_\_\_\_. *As culturas populares no capitalismo*. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983(a).
- \_\_\_\_\_. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Tradução de Javier Esteban Cencig. *Opinião Pública*, Campinas, Vol. VIII, nº 1, pp. 40-53, 2002(a).
- \_\_\_\_\_. Ciudad invisible, ciudad vigilada. *La Jornada Semanal*, México D. F., 18 maio 1997(b).
- \_\_\_\_\_. Conquista militar y fracasos culturales: cruzada de sonámbulos. *Clarín*, Buenos Aires, 05 abr. 2003(b).
- \_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999(a).
- \_\_\_\_\_. Cultura e política na Argentina: a reconstrução da democracia. Tradução de Maria Lúcia Montes. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 14, p. 52-61, fev. 1986.
- \_\_\_\_\_ (org.). *Culturas en globalización: América Latina – Europa – Estados Unidos: libre comercio e integración*. Caracas (Venezuela): Editorial Nueva Sociedad, Seminario de Estudios de la Cultura (CNCA), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 1996(a).
- \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006(a).
- \_\_\_\_\_. Culturas urbanas de fin de siglo: la mirada antropológica, *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, UNESCO, n. 153, set. 1997(c). Texto disponível também em: <<http://www.unesco.org/issj/rics153/canclinispa.html>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

- \_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005(a).
- \_\_\_\_\_. El consumo sirve para pensar, *Diálogos de la comunicación*, n. 30, 6 pp., jun. 1991.
- \_\_\_\_\_. El malestar en los estudios culturales. *Fractal*, año 2, volume II, nº 6, pp. 45-60, jul./ set. 1997(d).
- \_\_\_\_\_. Gourmets multiculturales. *La Jornada Semanal*, México D. F., 5 dez. 1999(b). Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1999/12/05/sem-nestor.html>>. Acesso em: 11 maio 2006.
- \_\_\_\_\_. *Hay muchas aduanas para los jóvenes de esta sociedad*. Entrevistadora: Silvina Frieria. Argentina, 29 set. 2004(a). Entrevista sobre o livro *Diferentes, desiguais e desconectados* concedida à *Página 12*. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/cultura/7-41664.html>>. Acesso em: 23 jun. 2006.
- \_\_\_\_\_. *La globalización: ¿ productora de culturas híbridas?*. Actas del III Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, Bogotá, 2000(a). 18 pp. Disponível em: <<http://www.hist.puc.cl/historia/iaspmla.html>>. Acesso em: 20 jun. 2006.
- \_\_\_\_\_. ¿ La mejor política cultural es la que no existe?, *Telos*, n. 59, abr./ jun. 2004(b).
- \_\_\_\_\_. La modernidad después de la posmodernidad. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: UNESP/ Memorial da América Latina, 1995.
- \_\_\_\_\_. Las naciones, o lo que queda de ellas en la globalización. *La Jornada Semanal*, México D. F., 21 jul. 1996(b). Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/1996/07/21/sem-canclini.html>>. Acesso em: 18 jun. 2006.
- \_\_\_\_\_. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2002(b).
- \_\_\_\_\_. Ni folclórico ni masivo: ¿ qué es lo popular?, *Diálogos de la comunicación*, n. 17, jun. 1987. Disponível em: <[http://www.infoamerica.org/documentos\\_pdf/garcia\\_canclini1.pdf](http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/garcia_canclini1.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2006.
- \_\_\_\_\_. *No hay una idea de futuro en los políticos*. Entrevistador: Hector Pavon. Argentina, 29 abr. 2006(b). Entrevista concedida ao periódico *Clarín*. Disponível em: <<http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2006/04/29/u-01186154.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Noticias recientes sobre la hibridación. **Revista Transcultural de Música**. Iztapalapa, Universidad Autónoma Metropolitana, México D.F., texto apresentado no VI Congresso da SibE celebrado em Faro, jul. 2000(b). Disponível em:

<<http://www.sibetrans.com/trans/trans7/canclini.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Para un diccionario herético de estudios culturales, *Fractal*, ano 4, v. 5, n. 18, pp. 11-27, jul./ set. 2000(c).

\_\_\_\_\_. Políticas culturais na América Latina. Tradução de Wanda Caldeira Brant. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 39-51, jul. 1983(b).

\_\_\_\_\_. Reconstruir políticas de inclusão na América Latina. In: *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003(c), p. 21-38.

\_\_\_\_\_. *Todos tienen cultura: ¿quienes pueden desarrollarla?*. Conferência para o Seminário sobre Cultura e Desenvolvimento, no Banco Interamericano de Desenvolvimento, Washington D. C., 24 fev. 2005(b). 15 pp.

CASCANTE, Francisco Rodríguez. Hibridación y heterogeneidad en la modernidad latinoamericana: la perspectiva de los estudios culturales, *Revista Comunicación*, Costa Rica, v. 12, nº 1. Disponível em: <[http://www.itcr.ac.cr/revistacomunicacion/Vol\\_12\\_num1/hibridacion\\_y\\_heterogeneidad.htm](http://www.itcr.ac.cr/revistacomunicacion/Vol_12_num1/hibridacion_y_heterogeneidad.htm)>. Acesso em: 21 jun. 2006.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de Ana Bernardo, José Pereira, Manuel Loureiro, Maria Soares, Maria de Carvalho, Maria de Almeida e Sara Seruya. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

KOKOTOVIC, Misha. Hibridez y desigualdad: García Canclini ante el neoliberalismo. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, Año XXVI, nº 52, pp. 289-300, segundo semestre de 2000.